



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO –
LEDOC

ANA PAULA CAMPOS DE FARIAS

**A EXCLUSÃO DENTRO DA EXCLUSÃO:
TRAJETÓRIAS NEGRAS EM BUSCA DA EDUCAÇÃO
(ASSENTAMENTO NOVA VIDA - UPANEMA/RN)**

MOSSORÓ/RN
2021

ANA PAULA CAMPOS DE FARIAS

**A EXCLUSÃO DENTRO DA EXCLUSÃO:
TRAJETÓRIAS NEGRAS EM BUSCA DA EDUCAÇÃO
(ASSENTAMENTO NOVA VIDA - UPANEMA/RN)**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Melquisedeque de Oliveira Fernandes.

MOSSORÓ/RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

F228e FARIAS, ANA PAULA.

A EXCLUSÃO DENTRO DA EXCLUSÃO TRAJETÓRIAS
NEGRAS EM BUSCA DA EDUCAÇÃO NOVA VIDA UPAHEMA RN
/ ANA PAULA FARIAS. - 2021.

67 f. : il.

Orientador: MELQUISEDEQUE OLIVEIRA FERNDANDES.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-Árido, Curso de Educação do Campo,
2021.

1. REFORMA AGRÁRIA. 2. NEGROS. 3. EXCLUSÃO
SOCIAL. 4. NOVA VIDA. 5. OESTE POTIGUAR. I.
OLIVEIRA FERNDANDES, MELQUISEDEQUE , orient. II.
Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ANA PAULA CAMPOS DE FARIAS

**A EXCLUSÃO DENTRO DA EXCLUSÃO:
TRAJETÓRIAS NEGRAS EM BUSCA DA EDUCAÇÃO
(ASSENTAMENTO NOVA VIDA - UPANEMA/RN)**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em:

.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Melquisedeque de Oliveira Fernandes
(UFERSA)
Presidente

Profª Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira
Examinadora

Profª Dra. Ady Canário de Souza Estevão
Examinadora

“Somos e valem o que seja a nossa causa.”

(Dom Pedro Casaldáliga)

Dedico esse estudo a comunidade Nova Vida que me permitiu analisar o contexto social de várias perspectivas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus pela vida, pela família e pela oportunidade de viver. Agradecimentos de vida para meus avós, que Deus em sua infinita bondade me permitiu compartilhar esse momento com eles.

Agradecimentos de amor para meus pais, que me educaram e me ensinaram valores para a vida inteira.

Agradecimentos de gratidão para meu esposo, que acompanhou essa trajetória até aqui, sem nunca me questionar.

Agradecimentos de esperança para minhas filhas, por vocês eu enfrentaria o mundo, pois acredito em dias melhores.

Agradecimento de amizade para meus colegas de curso, grata por tudo o que vivi ao lado de vocês nessa trajetória acadêmica.

Agradecimentos de sabedoria para meus mestres, graças a vocês hoje me permito voar mais alto.

Agradecimentos de admiração ao meu orientador pela dedicação e paciência comigo. E a minha banca examinadora por ter aceitado o convite, pelas contribuições significativas e pela caminhada até aqui.

Agradecimentos sem fim, para todos do Assentamento Nova Vida, por que hoje vejo o voo dos pássaros de outra maneira.

RESUMO

O presente estudo aborda uma proposta de reflexão sobre situações de exclusão social, com o olhar voltado para as interseccionalidades específicas do local pesquisado. O lócus do estudo o Assentamento Nova Vida, que está localizado a vinte e três quilômetros do município de Upanema/RN. O Brasil vem a mais de duas décadas realizando ações de enfrentamento na Reforma Agrária, com políticas públicas se intensificando com as reivindicações dos movimentos sociais. Nesta realidade, está composto o modelo de assentamento que foi pesquisado. A pesquisa de campo é sobre a exclusão social e escolar de setores já socialmente excluídos e tem como foco principal as observações sobre a relação entre moradores/as de uma rua localizada no P.A Nova Vida, chamada Rua dos Negros (Rua João Jose Da Silva) e moradores/as das demais ruas da comunidade do P.A Nova Vida. Diante de tantas indagações, surge a pesquisa qualitativa, onde foi realizada em três momentos, utilizando das técnicas de questionários com perguntas abertas e fechadas e entrevistas. Com o objetivo geral de compreender os processos de exclusão existentes ao longo da trajetória escolar de pessoas negras em assentamentos de reforma agrária. E como objetivos específicos: Analisar junto à comunidade Nova Vida, Upanema/RN os aspectos sociais que envolvem fatores tais como: discriminação étnico racial e Refletir as situações que permeiam entre a vida em comunidade e a escola. Para este grupo que reside na Rua dos Negros existe exclusão social por parte dos/as moradores/as das outras ruas? Essas pessoas se isolam por defesa ou resistência criando uma espécie de afastamento mútuo dos demais moradores/as? Para analisar esse fenômeno e as consequências na vida desses sujeitos, trouxe Norbert Elias (2000), Neusa Santos (1983), Roseli Caldart (2000), Abdias do Nascimento (1980), Paulo Freire (1979) e Chizzotti (2006). Os dados foram levantados nos seguintes anos: primeiramente no ano 2016, 2019 e 2021, com participação dos moradores da Rua dos Negros e da comunidade em geral. Inicialmente, o objetivo era entender a organização da rua dos Negros, a participação na vida social e escolar do assentamento, e com o aprofundamento das leituras, algumas indagações foram respondidas.

PALAVRAS-CHAVE: Reforma Agrária. Negros. Exclusão social. Nova Vida. Oeste Potiguar.

ABSTRACT

This study addresses a proposal for reflection on situations of social exclusion, with a view to the specific intersectionalities of the researched place. The locus of the study is the Nova Vida Settlement, which is located twenty-three miles from the city of Upanema / RN. Brazil has been carrying out actions to confront the Agrarian Reform for more than two decades, with public policies intensifying with the references of social movements. In this reality, the settlement model that was researched is composed. A field research is about the social and school exclusion of sectors already socially excluded and focuses on the relationship between residents of a street located in PA Nova Vida, called Rua dos Negros (Rua João José da Silva) and residents of the other streets of the PA Nova Vida community. Faced with so many inquiries, a qualitative research emerges, where it was carried out in three moments, using the techniques of questionnaires with open and closed questions and shown. With the general objective of understanding the exclusion processes along the school trajectory of black people in agrarian reform settlements. And as specific objectives: To analyze with the Nova Vida, Upanema / RN community the social aspects that involve factors such as: racial ethnic discrimination and Reflect as situations that permeate between community life and school. For this group that lives on Rua dos Negros, is there social exclusion on the part of/the residents/the other streets? Do these people isolate themselves by defense or defense, creating a kind of mutual distance from the other residents/as? To analyze this phenomenon and the consequences in the subject's life, he brought Norbert Elias (2000), Neusa Santos (1983), Roseli Caldart (2000), Abdias do Nascimento (1980), Paulo Freire (1979) and Chizzotti (2006). The data collected were the following years: first in 2016, 2019 and 2021, with the participation of residents of Rua dos Negros and the community in general. Initially, the objective was to understand the organization of Rua dos Negros, the participation in the social and school life of the settlement, and with the deepening of the readings, some questions were answered.

KEYWORDS: Agrarian Reform. Blacks. Social exclusion. New life. West Potiguar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem do satélite do P.A Nova Vida.

Figura 2 - Modelo de família de Andorinha/casas construídas sem padrão do INCRA.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Comunidade Geral / 2016

Gráfico 2- Dados da pesquisa Rua dos Negros / 2016

Gráfico 3- Comunidade Geral / 2021

Gráfico 4- Dados da pesquisa Rua dos Negros / 2021

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCSAH – Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas.

LEDOC – Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

CPT – Comissão Pastoral da Terra.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

P.A – Projeto de Assentamento.

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

PROGRAD – Pró Reitoria de Graduação.

UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

LEDOC – Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

CF8 – Centro Feminista 08 de Março.

AACC/RN – Associação de Apoio as Comunidades do Campo.

PT – Partido dos Trabalhadores.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

TEN – Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 A ocupação da terra: e a organização dos moradores	21
2 ASSENTAMENTO NOVA VIDA: UM CASULO DE EXPERIÊNCIAS	24
3 SENTIMENTO DE UM POVO	29
3.1 Experiências com o preconceito a partir das narrativas dos/as moradoras/as	33
3.2 Rua dos Negros e definição étnico-racial	35
3.3 Demais ruas da comunidade e definição étnico-racial	36
3.4 Personagens de um lugar	36
3.4.1 Andorinha: Uma Andorinha faz mudança	36
3.4.2 Beija-flor: O voo do beija-flor	39
3.4.3 Sabiá: o canto do sabiá	40
3.5 Rua dos negros: Segregação social e educacional	41
3.6 Dados de moradores/as da rua dos negros	42
3.7 Aves de Arribaça	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
5 REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE	59

1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo esta pesquisa é resultado de uma longa trajetória de luta pessoal em busca de acesso à educação pública e de qualidade e da minha identidade camponesa. Nesse percurso, passei a reconhecer a importância da educação na transformação de minha vida, no que se referem a tornar-me uma pessoa mais atenta as questões sociais que me cercam ao ponto de despertar em mim a motivação de realizar esse estudo, buscando identificar assimetrias e desigualdades sociais e raciais no assentamento em que atualmente vivo.

Vinda da cidade de Campo Grande, no Estado do Rio Grande do Norte, trago o sentimento de pertencimento e afeto pelo meu lugar de origem. Desde pequena, sempre tive o desejo de participar de todas as ações oferecidas pela cidade, bem como das datas comemorativas. Participei de corais da igreja católica e evangélica, de gincanas escolares, de grupos de jovens e de diversas ações festivas.

Minha família e eu morávamos na referida cidade, até meus doze anos, após o falecimento do meu avô paterno em setembro de 1998, logo em seguida meus pais passaram a ir constantemente para a “Fazenda Sorocaba” em Upanema/RN, local que foi ocupado pelo movimento sem-terra às quais meus pais faziam parte. Nessa época já tinha iniciado a construção das casas de alvenaria, já se formavam o modelo de vila, em fevereiro de 1999 minha família decidiu ir morar na Comunidade de Nova Vida em Upanema/RN, devido ao amor e vivência do meu pai que amava “lidar com a terra”, de cuidar de animais e de plantar leguminosas.

Sua vida inteira ele e sua família foram meeiros nas fazendas dos poderosos daquela região. A princípio eu não compreendia o porquê de tantas mudanças nas nossas vidas, saímos da cidade Campo Grande e fomos morar na zona rural de Upanema, nessa época não tinha eletricidade, nem comércio, nem saneamento, e não havia escola, só tinha mesmo as casas e ainda poucos moradores, ao meu pensar nós estávamos regredindo.

No início do ano letivo veio meu choque de realidade, acesso à escola somente através de um carro precário que transportava os alunos para a cidade de Upanema à noite, como se não bastasse todas as dificuldades que hoje eu sei que meus pais passaram, eu fazia drama por não me adaptar aquela realidade, ainda adolescente achava que havia perdido tudo, amigos e vida social. Até que meus pais resolveram me mandar para estudar na cidade de Mossoró, onde fiquei na casa dos meus avós

maternos, durou pouco tempo, e antes que o ano letivo acabasse eu estava de volta ao assentamento Nova Vida novamente.

Na minha mente de adolescente eu estava sendo castigada por Deus por estar passando por tudo isso, eu não aceitava ir para a escola naquelas condições, em um transporte tão precário, que era custeado pela prefeitura de Upanema, eu não aceitava nossa nova condição de sem terra que era como referiam-se a nós na escola dando início a uma fase de negação da minha identidade, nesse período, as pessoas riam porque nossas roupas chegavam empoeiradas devido a estrada carroçal, onde era feito o percurso até a escola, constantemente tinha que lidar com olhares de desaprovação das pessoas que marginalizavam os sem terras e isso me maltratava por dentro, pois antes eu era uma garota participativa das ações na minha cidade anterior e na comunidade eu me sentia estranha, mas embora algo começasse a mudar, ciclos de amizades começaram a ser construídos no percurso da escola e na própria escola com outras pessoas da zona rural, tornando o caminho um pouco mais leve.

Um fato marcante nessa história é que durante esse período escolar minha mãe também estudava na mesma escola que eu, ela estava terminando seu magistério, concluiu naquele ano. No ano seguinte deu-se início uma nova era, pois chegava o aguardado ano 2000, Mas esse ano em específico na minha vida foi marcante, aos 14 anos engravidei e parei de estudar, mas não por falta de apoio familiar e sim por escolha própria, com o apoio da minha mãe retornei os estudos. Inicialmente me deslocando para a cidade de Mossoró para fazer supletivo, onde durou pouco tempo, pois o percurso era inviável, concluí o ensino fundamental no ano de 2003 à noite em uma escola em Mossoró, e somente no ano de 2005 retorno a estudar dessa vez residindo em um assentamento na cidade de Porto de Mangue, no qual me deslocava duas vezes por semana para assistir aula em um ônibus que fazia linha para Mossoró, concluindo o ensino médio no sistema supletivo em meados do ano de 2006. Alguns anos depois, retorno para a casa dos meus pais, lembro-me que dessa vez o sentimento de pertencimento já afluía e passei a me ver fazendo parte daquela história de luta que antes eu a negava. Ali eu comecei a entender porque o meu pai sentia necessidade de possuir sua terra, e comecei a participar de movimentos sociais, compreendendo o quanto ter vindo morar no assentamento foi importante para nosso crescimento humano. Minha mãe se tornou uma liderança na nossa comunidade, sendo referência na militância feminista no nosso município, e o

meu descobrimento da vida em comunidade só foi possível através dessas experiências nos movimentos sociais, na luta por dignidade e qualidade de vida.

Participava das marchas por direitos iguais e dos momentos de formação políticas que me proporcionou trabalhar em uma ONG. Em 2010 resolvi participar de uma seleção para agente de desenvolvimento local, a seleção era para trabalhar na ONG AACC/RN (Associação de Apoio às Comunidades do Campo), prestando acessórias as comunidades rurais. As atividades realizadas pela entidade era no município de Governador Dix-Sept Rosado e o trabalho desenvolvido era mobilizar os grupos de mulheres daquele município na organização da Feira da Agricultura Familiar, o projeto foi executado durante 17 meses, e quanto mais eu convivía com as pessoas dessas comunidades rurais, mais eu me reafirmava sem terra.

Embora minha participação nos movimentos sociais tenha passado por uma pausa, precisei sair da comunidade para trabalhar na cidade de Mossoró. O sentimento de pertencimento ficava cada vez mais forte em mim. Durante esse período, sempre trabalhei no comércio da cidade onde tenho residência fixa até hoje. Mas aquilo não fazia sentido para mim, eu conheci outro universo e queria trabalhar com as comunidades rurais, então eu não ficava muito tempo nos trabalhos que eu arrumava, eram sempre multinacional, eu me sentia explorada.

Nesse período fiquei sabendo através do Centro Feminista 08 de Março (CF8)¹, de uma seleção para um curso de nível superior na UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) no curso que seria destinado as populações do campo, participei da seleção, passei para o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC/UFERSA Campus Mossoró, o qual está concluindo. A LEDOC² foi nesse curso que aprendi a ter senso crítico, foi através dela que eu compreendi o significado da terra para meu pai, para minha família e para mim. Foi nesse curso que comecei a aprender a sonhar e a querer melhores oportunidades para o meu povo do campo. Foi a partir desse ingresso na universidade que passei a observar as diversas formas de organização, a me sentir parte de algo maior na vida em comunidade, e a

¹ Centro Feminista 8 de Março (CF8) é uma Organização Não-Governamental que surgiu em março de 1993 a partir de ações voltadas à reivindicação da instalação da Delegacia Especializada em Defesa da Mulher (DEAM), em Mossoró/RN. Essa intersecção visava sensibilizar a sociedade ante a problemática da violência contra a mulher, principalmente, no sentido de garantir às mulheres a incorporação, no seu cotidiano, de elementos de identificação, denúncia e combate à violência sexista.

² Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, destinado a jovens oriundos do Campo, com habilitação nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Natureza. No decorrer do curso, poderão optar por uma das áreas, considerando o perfil e as afinidades.

olhar o outro com mais atenção. No início do ano letivo em 2014, lembro-me que as condições de permanência no curso eram muito difíceis, éramos os primeiros a embarcar no “novo”, por diversas vezes colegas de curso não tinham onde dormir, não tinha dinheiro para lanche e passávamos por diversos tipos de rejeição e preconceitos dentro da universidade, por sermos caracterizadas como o povo do campo, onde fomos chamados de sarrabulho, entre outros nomes que caracterizavam preconceito. A partir dessas situações, resolvi me juntar aos colegas do curso que fundaram o centro acadêmico da LEDOC, que tem por finalidade levar demandas do corpo estudantil para a coordenação do curso e, até mesmo para a própria reitoria da universidade. Nesse período de descobertas do universo estudantil, eu e outros colegas resolvemos concorrer às eleições do Centro Acadêmico ao qual na chapa eu fiquei como vice-presidente e o espírito de liderança surgiu novamente na minha vida, ao longo do curso foram muitos desafios e muitas conquistas, muitas disciplinas, muitos textos e trabalhos acadêmicos. Nesse processo de conhecimento surge a reafirmação da minha identidade, passando a observar melhor a minha comunidade, as pessoas que compõem esse espaço, as atitudes, as afetividades, as festividades, a socialização desse grupo de pessoas e de como eram organizados. Nesse momento, mais precisamente em uma disciplina, volto o meu olhar para a vida em comunidade na qual estou inserida. Antes as coisas que se passavam por normal, passaram a ter outro sentido para mim.

O assentamento Nova Vida hoje com vinte e cinco anos de existência, tem em sua forma de organização uma rua chamada “Rua dos Negros”, a referida rua é composta em sua maioria por pessoas negras. Até o meu ingresso na universidade, nunca havia parado para pensar nisso. Em 2016 surge à proposta de realizar um estudo sobre nossa comunidade, foi realizada uma pesquisa em grupo a partir da disciplina de História da Educação do Campo e passamos a observar com atenção alguns fatos que ocorrem dentro do assentamento, e que logo causou desconforto entre a gente, pois antes não tínhamos esse olhar crítico sobre a vida em comunidade.

O estudo realizado naquele ano se transformou em um artigo científico e agora retorno para aprofundar as particularidades envolvendo esse espaço de luta, resistência e convivência. Diante da aproximação do tema e despertar social para a compreensão da vivência no espaço do assentamento ampliou a discussão para a construção do trabalho de conclusão de curso.

A pesquisa surge de muitas indagações de uma estudante da comunidade, que ao longo do processo formativo, se questionou sobre as seguintes questões: existe exclusão específica baseadas em critérios de cor; entre pessoas no mesmo assentamento? No caso da rua dos negros? Como vive os moradores da rua dos negros? Como se percebem em relação aos outros? Como percebem sua exclusão dentro do assentamento? Que exclusões eles identificam na sua trajetória escolar?

A partir de tais questionamentos, a presente pesquisa define a metodologia para se referenciar as indagações. Como estudante e assentada tornou-se possível caminhar pelas temáticas de maneira peculiar e ampliar os conceitos educacionais que buscam contribuir com a comunidade local.

Em vista dessas indagações, procurou-se como objetivo geral, compreender os processos de exclusão existentes ao longo da trajetória escolar de pessoas negras em assentamentos de reforma agrária. E como objetivos específicos: Analisar junto à comunidade Nova Vida, Upanema/RN os aspectos sociais que envolvem fatores tais como: discriminação étnico racial e Refletir as situações que permeiam entre a vida em comunidade e a escola.

A metodologia para essa pesquisa está pensada para ser explicada como o voo dos pássaros, que espécies levantam voo rapidamente por terem asas largas e arredondadas, que lhes dão aceleração. Já as aves que voam por um longo período têm asas longas. Assim sistematizou-se a sequência de momentos da pesquisa, no que se refere à organização e utilização de vários métodos empregados.

O primeiro momento da pesquisa ocorreu no ano de 2016, atribuídos codinomes canários seus dados aparecem nos questionários, atendendo a uma disciplina de História da Educação do Campo, no curso LEDOC. Neste momento inicial foram aplicados 14 questionários contendo 19 perguntas abertas e fechadas essas perguntas direcionadas atendendo ao método qualitativo da pesquisa, conforme nos referencia. Chizzotti (2006, p. 54) Novos temas e problemas, originários de classe, gênero, etnia, raça, culturas, trazem novas questões teóricas e metodologias aos estudos qualitativos. Uma confluência de tendências, disciplinas científicas, processos analíticos, métodos e estratégias aportam à pesquisa qualitativa criando um campo amplo de debates sobre o estatuto da pesquisa.

No segundo momento, assim como as asas dos pássaros define sua forma física e de como irão voar, retomo a pesquisa no ano de 2019, utilizando-se da técnica de entrevistas que se dividiam em duas categorias: um informante que foi uma das

lideranças da época da ocupação e pessoas chaves que considere importantes pelas histórias culturais que ouvia no assentamento, a eles/elas foram atribuídas os codinomes de pássaros, Bem ti vi, pessoa de liderança na época da ocupação das terras e após a estruturação do assentamento passou a ocupar cargo executivo na associação de moradores, e moradores da rua dos negros. Andorinha, mulher negra, parteira e rezadeira. Beija-flor, mulher negra e rezadeira. Sabiá é um casal de moradores do assentamento, ela mulher negra, adora cantar e é conhecida no assentamento pela sua memória em decorar datas de aniversários de todos da comunidade, ele homem negro, adora tocar violão, toca pandeiro também, eles gostam de cantorias, embolam coco³, cantigas populares, todos/as citados/as participaram da ocupação das terras. O critério de escolha dessas pessoas, como sendo pessoas chaves para a realização dessa pesquisa, se deu pelos seus conhecimentos culturais, pela luta em busca da terra e pelo seu núcleo familiar possuir um elevado número de pessoas.

O terceiro momento da pesquisa trata-se do voo da águia, com sua visão ampliada, esse pássaro consegue ter mais visão do seu território e define a abrangência do seu voo, dessa forma retorno mais uma vez, ao lócus da pesquisa no ano de 2021, para coletar dados que contemplam a questão educacional. Para esse momento foi aplicado um questionário via lista de transmissão pelo Whatsapp, para atender a realidade pandêmica em que vivemos em nosso país, desde março de 2020, devido ao avanço do contágio da Covid-19, utilizou-se dessa ferramenta de comunicação acessível para captar dados e obter respostas. Uma vez que seria inviável percorrer as casas dos assentados pessoalmente, mesmo que respeitasse o distanciamento social e as regras estabelecidas pelas autoridades de saúde competentes.

No total foram aplicados 13 questionários com moradoras e moradores do assentamento, com base nas informações coletadas pelos questionários, feita a tabulação dos dados, foram selecionadas três pessoas para a realização das entrevistas, todas são mulheres e se dispuseram a me receber em suas casas. A elas foram atribuídos codinomes Calopsitas. A escolha dessas mulheres se deu por serem moradoras da comunidade geral, tem histórias escolares semelhantes, o grau de

³ É uma espécie de arte surgida no Nordeste do Brasil, onde é especialmente popular. Ao som enérgico e "batucante" do pandeiro, montam versos bastante métricos, rápidos e improvisados em dupla.

escolaridade é igual, estão na mesma faixa etária e seus filhos estudaram na escola do assentamento.

Durante todo o período da pesquisa, busquei ter acesso a um maior número de pessoas apresentados aqui. Mas por diversas vezes, algumas pessoas se negaram a responder o questionário ou dar entrevistas por vergonha, timidez, entre outras questões não reveladas pelas mesmas. O questionário aborda as questões de gênero e as relações sociais entre os sujeitos e a comunidade, atenta também o baixo nível de escolaridade e como as pessoas lidam com as questões de gênero, raça e etnia. Ao longo do texto o leitor irá se deparar com relatos de Aves de Arribaça, uma conversa informal com grupos de mães e parentes de alunos da escola local, esses relatos se apresentaram em um sábado, ao final da tarde, em um treiller de vender lanches no assentamento, onde as mesmas conversavam sobre fatos ocorridos na escola com seus filhos e parentes, e demonstram indignação com a situação, participei da conversa atentamente como ouvinte na época, pois já me preparava para essa pesquisa.

Para o aprofundamento das referências bibliográficas, dialogamos com os teóricos que possibilitaram definições de conceitos fundamentais para organizar os momentos dessa pesquisa e responder as indagações por mim tão significativas diante das histórias permeadas no compartilhamento das vivências interligadas.

Para abordagem de temas como: exclusão social. Tomei como base o livro: Os Estabelecidos e os Outsiders de Norbert Elias (2000) onde abordam as relações de poder existente entre os grupos estabelecidos e outsiders, analisa como ocorre a estigmatização de um grupo em relação ao outro numa pequena cidade de nome fictício Winston Parva, onde não se observava diferenças nas paisagens dos distintos bairros, não havia uma diferença nos padrões das moradias, a nacionalidade dos moradores dos bairros era a mesma, não se percebia diferenças de raça, cor ou religião; os moradores possuíam o mesmo tipo de ocupação e emprego, portanto, não havia diferenças nos níveis de renda e educação entre eles. Mas os estabelecidos recusavam-se em conviver ou ter qualquer semelhança no modo de vida ou de se reconhecer nos outsider.

Neusa Santos (1983), trás em seu livro “Tornar-se Negro” questões acerca do psíquico do negro, a construção da identidade e as normativas estruturantes que transcendem os estereótipos que lhes são impostos, fazendo com que estes possam desenvolverem duas características a de inferioridade fazendo com que o

sujeito negro possuído pelo ideal de embranquecimento é forçado a querer destruir os sinais de cor do seu corpo e da sua prole. Ou o psíquico do negro em ascensão que vive o impasse consciente do racismo, o importante não é saber, viver e pensar o que poderia vir a dar-lhe prazer, mas o que é desejável pelo branco. Para a questão educacional trago Roseli Caldart (2000) e Paulo Freire (1979) que discute sobre a educação e a educação do campo.

Caldart (2000) diz que, existe uma nova prática de escola que está sendo gestada neste movimento. Nossa sensibilidade de educadores já nos permitiu perceber que existe algo diferente e que pode ser uma alternativa em nosso horizonte de trabalhador da educação. Freire (1979) diz que “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.

As etapas da pesquisa e sua metodologia foram baseadas em Chizzotti (2006). Para ele a pesquisa qualitativa permite “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Isso porque “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado” Chizzotti (1998, p. 83).

No primeiro capítulo, trago algumas considerações sobre ser do campo e tornar-se educadora do campo, o segundo capítulo é intitulado assentamento Nova Vida: um casulo de experiências, fala sobre a fundação, a infraestrutura do assentamento e as relações dos moradores. O terceiro capítulo vai abordar o sentimento de um povo, onde há a análise da segregação social e educacional referente ao local do estudo e o perfil dos colaboradores na análise da pesquisa. Por último as considerações finais, onde busco impulsionar minha trajetória de conhecimento educacional em um jogo divertido e de uma inclusão possível, onde todos possam compreender o voo dos pássaros.

1.1 A ocupação da terra: e a organização dos moradores

O presente estudo aborda uma proposta de reflexão sobre situações de exclusão social, com o olhar voltado para as interseccionalidades⁴ específicas do local pesquisado. O lócus do estudo apresenta o Assentamento Nova Vida, que está localizado a vinte e três quilômetros do município de Upanema/RN.

A abordagem interseccional mostra a coexistência e a subordinação de diferentes fatores, seja gênero, raça e classe, como se interseccionam em contextos históricos e específicos nas diferentes dimensões da vida social, que não são separadas. Sobre a comunidade, vamos rememorar como se deu historicamente a luta pela terra. Uma das principais consequências da desigualdade social gerada pela má distribuição de terras são os conflitos no campo, muitos deles iniciados por trabalhadores que exigem seu direito a terra para moradia e produção. Estes conflitos deram origem a alguns movimentos que defendem o direito do trabalhador a terra, o que nem sempre acontece de maneira pacífica, ocasionando assim o acontecimento de uma série de conflitos entre integrantes de grupos militantes como o MST (Movimento dos Sem Terra) e os donos de terras.

Suas terras foram ocupadas no ano de 1996, por famílias advindas dos movimentos sociais como Movimentos Sindicais, Federação dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Norte - FETARN que defendiam o uso sustentável da terra, a Comissão Pastoral da Terra - CPT, organizados pela Igreja Católica, militantes com ideologias do movimento dos Trabalhadores Sem Terras - MST. As primeiras reuniões ocorreram na cidade de Campo Grande/RN, na paróquia pastoreada pelo Padre Pedro Neefs⁵, defensor dos excluídos e sem teto. As informações que uma grande fazenda no município de Upanema estaria com atividades improdutivas apresentando uma grande possibilidade de aproveitamento sustentável conforme um dos informantes desta pesquisa (BEM TI VI, 2019). Segundo o militante entrevistado as terras eram, férteis, lençóis de águas subterrâneas de grande escala, que daria para abastecer todas as famílias.

⁴ Interseccionalidade, é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável.

⁵ Religioso de origem holandesa com enorme trabalho social fincado no sertão brasileiro. Natural da cidade de Breda, Holanda, Neefs nasceu no dia 03 de fevereiro de 1929. O trabalho desenvolvido em toda a paróquia foi o de defender os mais necessitados, principalmente na luta pela reforma agrária, que ganhou força após a disseminação de suas ideias, já que não existia até então. Ao chegar à cidade, o pároco se aproximou do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que prestava assessoria a toda a população ligada ao campo.

Precisamente no dia 27 de Maio de 1996, conforme relatou Bem Ti Vi, os agricultores pernoitaram nas articulações com suas lideranças locais, Ronaldo Valência (In memoria) era a liderança de articulação da paróquia organizando as famílias das comunidades do município de Campo Grande/RN. Os trabalhadores eram das comunidades e de sítios isolados: Salgado, Pombas, Cabeça do Boi, Monte Alegre, Bom Jesus, Milagres, Boqueirão, Pimenta, Mirandas, eram oito comunidades polo onde ocorriam as reuniões finais.

Participaram da ocupação das terras cerca de noventa homens e duas mulheres, as questões de gênero não eram respeitadas diante do momento coletivo que estavam vivenciando embora as mulheres fizessem parte da ocupação elas eram vistas como companheiras dos seus maridos e não como força a frente da ocupação. Os homens eram responsáveis pelas barracas do acampamento de acordo com as denominações das suas comunidades e desenvolveram cada um, tarefas definidas para a sobrevivência do dia, por exemplo: Os homens de uma comunidade caçavam, outros pegavam lenha para cozinhar a comida, outros faziam as reuniões em horários marcados para que todos participassem.

As mulheres eram as organizadoras das místicas⁶ nas terras da fazenda, direcionavam a quantidade de comida que deveriam ser feita no dia e organizavam os momentos de oração, que aconteciam de baixo de uma árvore, essa árvore é o ponto máximo da organização nela acontecia às místicas e as reuniões para tomada de decisões com palavras de liderança, motivadoras; sempre do cotidiano dos agricultores, por exemplo: terra, vida, trabalho, e também as missas realizadas por Padre Pedro, esse era defensor de um povo sem terra. Pedro Neefs e Ronaldo Valença, os dois (In memoria), auxiliavam na ocupação das terras com transportes, alimentação e água para que os ocupantes e suas famílias pudessem permanecer nas terras, lutar e resistir aos dias de tensões e conflitos ali existentes.

A reforma agrária é a principal reivindicação dos trabalhadores que exigem seu direito às terras, onde podem fixar moradia ou cultivar plantações, provendo assim o seu sustento. De acordo com entrevistas e estudos já realizados, a ocupação ocorreu de forma articulada, motivada pelo sentimento de ter a posse de um pedaço de terra.

⁶ A mística, designação empregada pelos sem-terra, consiste em acontecimentos sócio-políticos que se manifestam em práticas discursivas e não discursivas através das quais os sem-terra identificam-se e reidentificam-se com os saberes do MST.

Desejavam sair do modelo de moradia do latifúndio, da casa cedida, e foram em busca de um lugar próprio para se fixarem assim como uma árvore finca suas raízes.

Os movimentos sociais desde o início deixaram suas características de lutas nessas articulações. O Movimento Sem Terra tem uma colaboração na formação inicial dos conceitos comunitários para os colonos. Era possível perceber nos momentos de deliberações nas reuniões e o ensino de organização das tarefas locais e a formação pensada no diálogo mesmo que dentro de conflitos, o pensamento de solidariedade da pastoral da terra também era perceptível e assim era possível perceber duas filosofias de lutas dentro de um grupo geral. Essas filosofias a que me refiro a sindical e a do MST. Uma muito pautada em conceitos burocráticos, organizacionais e pacificadores o outro pautado na vida comunitária, agroecologia e resistência.

Essa forma de organização geral foi rápida durando 08 meses e muitos já fixavam moradias mesmo sem a construção das casas. Durante esse tempo já acontecia às rupturas e exclusões, pois em conversas com colonos sugeriram relatos sobre existir dois grupos distintos dentro da ocupação, um grupo com caráter mais formativo e que fazia a força de frente a luta, o outro grupo era apontado como os que estavam na ocupação para fazer volume, ou seja, quantidade para apressar a desapropriação da terra, pois quanto mais famílias, maiores seriam os hectares de terras.

Ainda em conversas informais, foi relatada que não houve nenhum negro a frente das tomadas de decisões, e até mesmo nas negociações com o proprietário, não foram citados em momento algum nas memórias.

E ao perguntar sobre de que movimento os negros eram, nos relatos percebe-se que vieram agregados, aos militantes do MST. Mas eles estão presentes na ata de fundação, mesmo aqueles que assinam com a digital.

Foi possível perceber nas falas dessas pessoas que o motivo da não participação do pessoal da rua dos negros nas tomadas de decisões do assentamento os excluiu de formas significativas, citando o exemplo da política constitucional onde em tempos de eleições o voto em branco contribui para a vitória de quem está ganhando, os colonos achavam que na hora das decisões, a participação deles iria somar no momento de idealizar sonhos, forças e perspectivas.

FIGURA 1: MAPA DO ASSENTAMENTO NOVA VIDA UPANEMA-RN.



Google, Imagem (Imagem de satélite).

2 ASSENTAMENTO NOVA VIDA: UM CASULO DE EXPERIÊNCIAS

Em 28 de agosto de 1996, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, decreta a desapropriação do imóvel fazenda Sorocaba/RN de seu antigo dono, em 31 de janeiro de 1997 para concretizar a luta dos Trabalhadores do P.A – Nova Vida, fora emitido a posse das terras, na data de 12 de novembro de 1997 foi criado a Associação dos Produtores do Assentamento, ainda no ano de 1998 começa a construção das casas de alvenaria, no total de 114 casas construídas pelo INCRA.

A população do assentamento está estipulada em seiscentos habitantes, a economia da localidade é movida por: aposentados e pensionistas do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), servidores públicos, professores (a), ASG (Auxiliar de Serviços Gerais), Agricultura familiar, criação de ovinos, caprinos e bovinos, assalariados advindos de projetos de empresas em torno do assentamento, motoristas escolares, vigilantes, pedreiros (construção civil) e corte de palha, esses dois últimos profissionais buscam trabalho fora do assentamento em períodos de estiagem.

O assentamento Nova Vida hoje em sua infraestrutura conta com duas igrejas evangélicas, uma capela católica cujo padroeiro da comunidade é São Pedro, conta com uma escola que oferta o ensino infantil até a 5ª série, uma quadra de esporte, um posto de saúde, um prédio para criação de abelhas que se chama casa do mel. Possuem três poços de água, um desses poços é central, dentro da comunidade e que abastece de água encanada para as casas dos moradores. Toda a comunidade possui iluminação pública, um prédio inacabado que seria para funcionar uma creche e um prédio para produção de polpas de frutas, construído com recursos vindo da Holanda através do Padre Pedro, ele era de nacionalidade holandesa, e foi através do seu afeto pela comunidade que ele sempre se empenhou para conseguir recursos para incentivar a permanência do povo na comunidade. O mesmo também levantou recursos para construir um prédio comunitário, que a princípio foi construída pela associação dos moradores, para trabalhos comunitários das mulheres como a fitoterapia, farmácia popular, projetos para a sustentabilidade e renda das mulheres.

O referido prédio passou por reformas devido aos programas do governo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), e o prédio inacabado que seria uma creche para a comunidade também foi construído com recursos advindo da Holanda. Conforme as informações dos moradores da comunidade, não foram nem um projeto buscado através de entidades ou parcerias entre órgãos do governo, mas sim de forma pessoal, do próprio padre que angariava recursos, principalmente com seus familiares que residem no referido país para assim beneficiar a comunidade.

A forma de organização do assentamento Nova Vida é pautada por estatuto que se baseia nos princípios da Reforma Agrária, sendo esse a lei orgânica do assentamento. É importante frisar o conceito de comunidade para melhor compreender sua forma de organização. Fichter (1967) em suas definições ressalta que é uma palavra rodeada de significados múltiplos e requer uma cuidadosa definição técnica, ao que propõe: comunidade é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns. Nesse contexto é possível dizer que tais definições estavam presentes e eram recíprocas ali durante a ocupação das terras e até mesmo na organização da vila para constituir a comunidade, mas que algo foi perdendo suas características ao longo do processo, já que no assentamento citado possui uma rua composta por negros, a Rua João

José Da Silva⁷ (Rua dos negros) onde conta com dez casas e todas são de famílias negras. Atualmente há dezessete casas de filhos de colonos construídas de forma independente, somando assim 131 casas, divididas em doze ruas. Todas as ruas possuem nomes próprios, porém estas não são reconhecidas pelos moradores com os nomes que lhes foram atribuídas. No sentido de localizar as ruas pelas suas representações de homenagem, com os nomes que lhes foi atribuído, as referenciam sempre com o nome de uma pessoa de destaque que reside naquela rua. A rua dos negros é a única que tem tipificação de identificação por cor.

Ao longo dos anos, comemoravam os aniversários do assentamento, onde era possível rememorar a luta através de grandes festividades, construção de monumento, exposições de horticultura, artesanato, religiosidade e parte cultural. Passados uma década, se percebiam a não participação da coletividade nesses eventos citados e nas assembleias da associação comunitária⁸, para a decisão de questões da vida em comunidade não se tinha o mesmo sentimento de luta para a melhoria da vida comunitária, vale lembrar que uma associação busca, dependendo do entendimento de seu líder, incluir ou excluir a participação dos seus membros. O sentimento de luta não demonstrava mais ser o mesmo da conquista das terras: práticas como votação em assembleia para tomadas de decisões fosse o motivo à exclusão de um colono ou para a deliberação de uma moradia a ser substituída, passou a ser uma coisa banal que tanto faz o participar e/ou não participar. Não existia mais o sentimento da luta pela terra, o sair e conquistar seu lugar, os valores de luta se igualaram ao sentimento de acomodação.

Na memória dos colonos, nos anos 1996 a 2000 havia uma maior participação de pessoas nas tomadas de decisões. Já era perceptível que os valores nas tomadas de decisões já haviam mudado, passando a ser: possuir bens, a terra, a casa e para muitos, os benefícios materiais que a terra proporcionou.

Conversando com meus pais, em meados de 2010 houve uma diminuição da participação ainda mais significativa. Assim, foram se dividindo, cada um voltando nos seus grupos iniciais, se fortalecendo agora por ruas, onde os projetos coletivos dos homens se acabaram, bem como a defesa das áreas coletivas.

⁷ Tem esse nome em homenagem ao primeiro morador falecido dessa rua. João José era esposo de Andorinha.

⁸ Associação comunitária é a união de pessoas que se organizam em torno das necessidades em comum da comunidade, como educação, saúde, segurança pública, entre outros. Dispõe de cargos executivos e é regido por estatuto para tomadas de decisões nas ações coletivas.

A partir de conversas direcionadas sobre como aconteceu à escolha das casas, Bem Ti Vi (2019) lembra com detalhes daquele processo de organização:

“[...] as organizações das localizações, das residências, ocorreram por sorteio. As duas comunidades maiores eram salgado e buqueirão. E não foi essa a escolha, a primeira vila a ser sorteada foi a do buqueirão, a pessoa que controlava esse grupo sempre queria ser o primeiro em tudo, né, levando por esse lado mermo, que fosse da ignorância, não era pelo nível de organização, porque não tinha um nível de manipulação dessa pessoa sobre os companheiros que ele levou, achando que ele ia mandar em todo mundo. Apesar de que houve até divergências entre eles, não lembro bem assim, de quem, com quem, mas eles eram praticamente uma família e ainda tinham divergências. Então as outras comunidades, sempre um pessoal passivo, de paz, quando via que ia caminhar pra esse lado, de ver que eles seriam os primeiros, aceitou, vocês pode ser os primeiros e, assim, foi a sequência, não por pessoas e sim por comunidade. Depois, comunidades do sítio Salgado, Bom Jesus, o pessoal ia ficando mais próximo porque já vinha de uma comunidade organizada, da associação. Já se conhecia, então foi nessa linha de grupos. Monte Alegre era uma comunidade que sempre o pessoal via com desprezo, por não ter uma liderança lá, tinha que seguir o pessoal do Condado, que era umas sete famílias, da rua de Zé Maria, então, praticamente ficou todos na rua de seu João e segundo Miguel, que era do salgado e seguiu a ordem para a rua de Pompeu...”

Não há registro sobre esse histórico em ata, que é o documento oficial em comunidades organizadas ou em qualquer grupo organizado em associações. Outros moradores da referida comunidade relatam que a escolha das casas se deu por meio de afinidade, pessoas que já se conheciam antes ou moravam em comunidades vizinhas antes de virem para o assentamento, decidiram assim morar na mesma rua antes denominada de vila. Bem Ti vi relatou que no caso da rua dos negros, os mesmos não tinham uma liderança, e que após os grupos organizados em consenso, definirem seus lugares de moradia, a rua que sobrou, ficou para esse grupo, mas que os moradores da comunidade geral não viram maldade na época e não fizeram as coisas dessa forma com intuito de excluir ninguém, pois esse grupo “Os Negros” seriam da mesma comunidade e de comunidades vizinhas, antes mesmo de virem para a ocupação das terras. Mencionou que a maioria deles era de uma comunidade chamada Monte Alegre, município de Campo Grande/RN e que essa mesma comunidade era conhecida naquela região como “Os Nego”. E que assim foram denominando cada vila de acordo com as características e costumes de seus moradores.

Buscamos aqui compreender como no interior do assentamento se criam divisões internas que coincidem com formas de exclusão racial e social. Com esta

pesquisa percebemos que enquanto alguns de seus moradores se tornam de certa forma protagonista das decisões locais, participando assiduamente dos assuntos coletivos discutidos nas reuniões das assembleias, e outros se tornam, a princípio, passivos aceitando aquilo que somente lhes entregaram pronto.

O autor Norbert Elias em *Os Estabelecidos e os Outsiders* aborda em seu livro a história de uma pequena cidade Wiston Parva e a reação dos seus moradores com a constituição de um novo bairro que receberia pessoas de diferentes localidades da cidade, passando a cometer atos discriminatórios e situações de exclusão social em seu dia-a-dia com os novos moradores. O local de moradia dos sujeitos inferiorizados era conhecida como “beco dos ratos”, em virtude dessa rotulação para com aqueles sujeitos, podemos pensar que seria remetido a algo anti-higiênicos, sujo e mal cuidado, o que faz com que os outros creiam ser esta uma característica real dos excluídos.

O assentamento Nova vida, tem 25 anos de fundação, e mesmo com o passar dos anos tem uma característica específica em relação à vida em comunidade. Dentro da própria comunidade tem uma rua excluída do convívio social, seja em acesso aos bens comuns do assentamento, não participam de grupos organizados locais, nem das ações desenvolvidas na comunidade, como festa do padroeiro, reuniões de associações ou de cunho religioso.

Neste aspecto o entendimento dessa característica social apresentada no contexto da rua descrita, pode ser assemelhado à descrição de Norbert Elias sobre Wiston Parva, por se tratar dessa desigualdade entre grupos residentes no mesmo local e suas relações de poder e inferioridade onde um grupo se sobressai sobre o outro. O grupo dos estabelecidos os que já estavam na cidade há anos e perpetuam suas gerações nesse lugar, pois seus bairros eram antigos e tradicionais e os *outsiders* (está fora) que era um bairro novo, recém-criado, que aos olhos dos estabelecidos, traziam muitas mazelas com eles. Como esse grupo social no bairro os outsiders foram manipulados por um grupo que obteve vantagens sobre eles? Elias explica que, os moradores do bairro, foram marginalizados e inferiorizados através de estereótipos criados por grupos aos arredores, que se denominavam os estabelecidos (os de dentro) que se julgavam superiores pelo simples fato de estarem há mais de três gerações naquele bairro e terem se mantido lá tradicionalmente. Então existe o sentimento de pertença muito forte ali. Quanto aos outsiders não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, “cor” ou “raça” que os diferenciasses entre os

residentes dessas duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional — em suma, quanto sua classe social. As duas eram áreas de trabalhadores.

No assentamento Nova Vida, pode-se dizer que assim como na cidade de Winston Parva, um grupo de pessoas se sobressai ao outro, não pelo mesmo critério de estar no local há mais tempo, pois todos os colonos receberam suas casas no mesmo dia e posterior a isso quase todas as famílias vieram a residir no local no mesmo ano em que receberam suas casas, com exceção daqueles que fixaram moradia no assentamento em barracas desde a ocupação das terras cerca de cinco famílias, mas essas não residem na rua dos negros.

A Rua dos negros como é popularmente conhecida na comunidade, tem características diferentes das demais ruas da comunidade, desde a sua localização em termos geográficos que se localiza na parte mais baixa da comunidade, é composta por dez casas como padrão do INCRA. Mas foram adicionadas oito casas ao longo do tempo, na medida em que seus filhos estabelecem matrimônio.

A rua é constituída por habitantes negros e em sua maioria, de parentescos, o que torna as relações afetivas endógenas, nesse contexto a qual estão inseridos foi observado à questão do associativismo, nível de escolaridade, as relações afetivas (amorosas), gênero, exclusão social e racismo.

3 SENTIMENTO DE UM POVO

Ao caminhar pelo assentamento Nova Vida, poderemos sentir esses conceitos expressos a cada passo dados nas ruas, nos espaços formativos, nas falas dos moradores na própria vila, são memórias, vivências e experiências, é possível perceber que ainda há marca de sem-terra nos sentimentos de alma dos moradores. Os relatos nos remetem entender uma grande teia de esperança, quando pensamos na fala de Bem Ti Vi (2019).

Compreendi que as comunidades já vinham constituídas com seus sentimentos, seus saberes, seus rancores, incertezas, medos e modelos de organizações. Mas que a maior motivação naquela época em participar da ocupação era a posse da terra, para isso foi constituído lideranças em cada comunidade descrita na ocupação, em um dado momento todos foram protagonistas.

Diante disso, Bem Ti Vi relatou ainda que a forma de organização dos moradores da rua dos negros em nossa comunidade é a mesma que era adotada em Monte Alegre, não participava de grupos organizados, sempre mais reclusos para não serem apontados ou vistos por alguém como ameaça de um modo bem popular não queriam arrumar confusão.

Segundo Norbert Elias (2000) Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ela corresponda a essa expectativa. Ao trazer essa citação do autor, faço referência a reputação anterior a chegada dos moradores da rua dos negros a ocupação das terras a que vieram. O fato é que dez famílias negras ficaram concentradas em um local específico e desencadearam algumas situações dentro da comunidade, as pessoas residentes nessa rua, são as mulheres que tem mais filhos, as que têm problemas com alcoolismo e psiquiátricos, são os índices maiores de evasão escolar, baixa escolaridade e as meninas iniciam a vida sexual precocemente, já que as relações afetivas desse grupo são na maioria das vezes endógenas o que reforça seus núcleos familiares e suas identidades minoritárias em a participação da vida em comunidade, essa não participação talvez aconteça por medo de sofrerem discriminação, abusos físicos e represálias.

Essas identidades pessoais minoritárias podem implicar um retraimento social em enclaves como guetos ou, quando o contato com a maioria é necessário ou conveniente, a assunção de papéis sociais desviantes em relação ao grupo majoritário. Esses papéis desviantes envolvem, com frequência, uma grande dose de hostilidade velada contra qualquer forma de autoridade exercida pelos membros do grupo majoritário. Tais sentimentos são consequência da exploração vivida geração após geração. Verifica-se que as crianças marginalizadas são mais propensas à agressividade e, em certo sentido, materializam os estereótipos que lhes são atribuídos, pelo menos até certo ponto. (ELIAS, 1964, p.31)

Historicamente e culturalmente, ao negro sempre foi reservado um papel de subserviência e seus antepassados foram submetidos a isso. No passado, os negros foram escravizados tanto para mão de obra braçal, quanto para os afazeres domésticos dos seus senhores, lhes foram ensinada, ao longo de épocas que seria melhor não ser notado, se manter distantes, passarem por despercebidos, evitando estar nesse lugar de muita dor e barbáries que encontramos no preconceito étnico racial.

Portanto, Neusa Santos Souza (1990) aponta essa forma de agir como regras das identificações normativas ou estruturantes. Segundo ela, são essas instâncias

que vão mostrar ao sujeito aquilo que lhe é permitido, proibido ou prescrito sentir ou exprimir, a fim de que seja garantido, simultaneamente, seu direito a existência, enquanto ser psíquico autônomo, e o da existência de seu grupo, enquanto comunidade histórico-social.

Nesse caso percebemos que esses sujeitos inconscientemente praticam um recluso da vida em comunidade proveniente dessas normativas estruturantes que o seu psíquico já tomou para si como única forma de sobrevivência para o seu povo e sua família, isso porque a história do negro no Brasil discorre sobre muitas negações de direitos em uma sociedade cada vez mais racista e intolerante. Seja na escola, no trabalho ou mesmo na vida em comunidade.

A discriminação racial pode causar danos irreparáveis à vida da população negra⁹, que diariamente tem seus direitos como cidadãos violados pela sociedade reforçando muitas vezes a negação da identidade étnico-racial do sujeito. Já que o que foi colocado ao longo da história ocidental é que o branco é superior ao negro e que a eles estão reservados os lugares, de inferioridades na sociedade. De acordo com Marilena Chauí (2013) discriminar é, assim, sinônimo de diferenciação, distinção, segregação, marginalização, preconceito, implicância, especificação e descrição. Discriminação é pensamento para inúmeras interrogações, ser de um lugar é sentir a história caminhar com a sua esperança, sonhos, conflitos é buscar entender o que não tenho resposta. De acordo com a autora no ato de discriminar estamos ponto em xeque a verdade do sujeito, sua afirmação, sua crença, seu pertencimento ato de discriminar é ato de oprimir, pois muitas vezes o sujeito não desenvolveu defesas para determinadas situações que lhes são colocadas.

Abdias do Nascimento (1980) registrou em um dos seus livros que, desde os tempos da escravidão, os africanos e seus descendentes vêm sendo submetidos a uma consumada técnica de eliminação que se caracteriza na forma de implacável genocídio. Em consequência, o afro-brasileiro - quer seja o negro, o mulato, o moreno, o pardo, o escuro, o crioulo, o mestiço, ou qualquer outra classificação étnica ou graduação epidérmica, mas com sangue de origem africana - está condenado ao desaparecimento ditado pela sociedade dominante. Pois assim está, determinado

9 População negra é o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga.

pela lógica da política racial vigente no país. É importante destacar que esse autor foi fundador do (TEN) Teatro Experimental do Negro na cidade do Rio de Janeiro 1944, portanto possui uma contribuição muito relevante para o movimento negro no Brasil, Assim como a data de 20 de Novembro que é considerado o dia da consciência negra e é feriado em mais de setecentos municípios brasileiros.

As falas dos protagonistas da Rua dos Negros, no assentamento Nova Vida, apresentam dimensões de formação e entendimento que nos remete refletir sobre a formação cotidiana de um modelo de agrupamento familiar aquilombar-se¹⁰, onde as pessoas resgatam seus sentimentos e memórias do passado, para entender o presente e construir o futuro. Nascimento (1989), diz que aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo.

Neste sentido, a ação cultural e a ação política são dissociáveis pra a formação de uma poderosa organização local e intervenção social. O modelo de família constituída na rua estudada, João José da Silva (Rua dos negros), mostram um novo caminho de organização dentro de uma organização coletiva já existente no modelo de assentamento, no qual essa rua se adapta a inúmeras formas de viver e não somente ao motivo aparente da exclusão social por preconceito de cor, mas associado a um afastamento criado pelos próprios sujeitos fundamentados em um modelo próprio de viver.

Muitas foram às indagações as oportunidades são diferentes? Eles têm sonhos para o futuro? Esses sonhos são possíveis? As meninas da minha infância que caminharam para outro contexto, como entender tudo isso? Cabe aqui pensar que o sujeito constrói suas maneiras de viver? O costume de um povo define seus lugares de participação? Falo de uma defesa para o isolamento social? De um estilo moral próprio? De um estigma diante das experiências de exclusão? Destacamos nas falas de Andorinha o não engajamento social, cultural e político no contexto de luta do assentamento. E é uma situação que ocorre com todos os moradores dessa rua.

Reforçando assim as estruturas consideradas opressivas, os seus filhos não vieram para a localização do meio do centro, habitar uma casa de desistência de colonos ou não foram para assembleia geral pedir para utilizar terras coletivas e poder

¹⁰ Aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra hegemônica a partir de um corpo político.

construir suas casas, mas sim construí-las em seus próprios lugares, a margem do quintal da casa dos seus pais. Para Andorinha, não houve reconhecimento de opressão para o engajamento, ela escolhe diante de sua fala analítica o isolamento.

Alguns caminham para o isolamento pela dependência emocional, fruto de situações concretas vivenciadas no contexto da vida no assentamento, nos momentos de decisões, vale lembrar a fala de Bem ti vi. Freire (1996) ressalta que os homens libertam-se em comunhão, porém a comunhão da participação não aconteceu com os sujeitos dessa rua.

3.1 Experiências com o preconceito a partir das narrativas dos/las moradores/as

Ao longo da pesquisa percebemos que, ainda hoje as pessoas continuam sem saber o que é pertencer a uma raça ou a uma etnia. Muitos não se reconhecem com a raça/etnia a qual estão associados a partir das definições do IBGE (branco, negro, pardo, mulato, cafuso, indígena, remanescente quilombola, etc). Em entrevistas, as pessoas contribuíram para essa pesquisa não se identificam como negros, Canário 1 ao ser questionado sobre sua raça, diz ser “morena clara”. Mas, ao responder outra pergunta sobre se tem parentes negros, respondeu que sim, incluindo os filhos. É possível observar a partir da pesquisa no campo, que a entrevistada tem traços físicos que a associam diretamente a identidade étnico-racial negra.

Sua negação da identidade étnico-racial pode ser associada à vergonha, ao medo de ser humilhada como fizeram com seus antepassados. Já que o que foi colocado ao longo da história ocidental é que o branco é superior ao negro, e que ser negro estaria associado a algo ruim, sujo e maltratado. Atualmente essas denominações de raça pura não existem mais no campo acadêmico da genética, o que não significa dizer que todos sejam geneticamente semelhantes para serem classificados em raça branca, negra e amarela, ao longo desse processo que vem sendo construído.

Com base no Estatuto da Igualdade Racial, Lei Nº 12.288 de julho de 2010, e o Decreto Nº 8.136 de 2013, citado por Alves & Crisóstomo (2013, p. 1), temos as seguintes definições:

Art. 1º. Esta lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos

direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

II – desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica.

São perceptíveis os avanços e ganhos com relação ao reconhecimento da importância das populações identificadas com a cultura afrodescendente e indígena em nosso país. Os movimentos sociais em sua luta histórica, como também as legislações a partir da primeira década do século XXI, como a citada acima, tem proporcionado outras experiências para essas populações. Todavia, as transformações culturais se dão em longo prazo e ainda há muito a fazer e a ser modificado.

Sobre as divisões raciais que ainda prevalecem em nossa sociedade apesar das transformações, afirma Munanga (2013, p. 3):

Em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. No século XVIII a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estanques que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra, amarela. Ora, a cor da pele é definida pela concentração de melanina. É justamente o grau dessa concentração que define a cor da pele, dos olhos e do cabelo. A chamada raça branca tem menos concentração de melanina, o que define a sua cor branca, cabelos e olhos mais claros que a negra que concentra mais melanina e por isso tem pele, cabelos e olhos mais escuros e a amarela numa posição intermediária que define a sua cor de pele que por aproximação é dita amarela.

Com aperfeiçoamento desses estudos a raça passou a ser definida como humana. Segundo Munanga (2013, p. 8): “o racismo e as teorias que o justificam não caíram do céu, eles tem origem mística e histórica conhecidas: a primeira deriva do mito bíblico de Noé; a segunda tem uma história ligada ao modernismo ocidental”. Essa hierarquia ainda é muito presente na sociedade, pois tem seus valores culturais transmitidos de geração para geração.

Os autores citados abordam a mesma linha de pensamento uma vez que essas teorias são desenvolvidas cientificamente, mas na prática não conseguem ainda ser vivenciadas, pois a trajetória cultural predomina ainda o preconceito com essas populações, mesmo existindo fortes movimentos sociais engajados nessa luta para dizimar o preconceito, seja por cor da pele, raça, etnia, modo de falar, condição social, orientação sexual, prática religiosa.

3.2 Rua dos Negros e definição étnico-racial

Das quatro mulheres entrevistadas duas se consideram pardas, uma morena e outra morena clara. O homem também se diz moreno, ambos têm parentes negros na família, não só na rua que residem, mas também nas demais ruas da comunidade.

Os/as entrevistados/as deram definição do conceito de preconceito com base no senso comum e afirmaram que nunca sofreram nenhum tipo de preconceito. Porém, através das conversas informais durante as entrevistas foram tendo base do que se tratava. Após as conversas, duas mulheres mudaram de opinião e disseram ter sofrido preconceito por ter muitos filhos e relataram preconceito de várias formas como sendo uma coisa ruim, feia, que não deveria existir. Canário 2 diz que ter preconceito é errado, cada um tem um destino a ser seguido, às vezes a pessoa não quer ser aquilo e acaba indo para o mundo incerto (em relação as drogas). Canário 3 diz: “acho que seja errado, digo aos meus filhos que respeite as pessoas como elas são”.

3.3 Demais ruas da comunidade e definição étnico-racial

As quatro mulheres entrevistadas, cada uma se diz, morena, negra, parda e branca. As mesmas definiram o preconceito baseado no senso comum, como Canário 4 relata: “Preconceito é você ser indiferente a um determinado assunto e julgar sem ter as informações necessárias”. As demais disseram que é tratar as pessoas más, com xingamento, e é uma coisa horrível.

Uma mulher afirma nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito, e as demais sofreram situações diversas por ser gorda, por ter “cabelo ruim de pipoca”, engravidar nova e ser mãe solo. Todas elas afirmaram ter parentes negros. Dos quatro homens, dois se disseram morenos, um branco e outro pardo; dois não opinaram sobre o conceito de preconceito e os demais disseram que “é dizer coisas pejorativas com as pessoas e não aceitar a pessoa como ela é”. Dois deles vivenciaram situações de preconceito como pela “maneira humilde de ser” e outro “pela orientação sexual, por ser homossexual”.

3.4 Personagens de um lugar

3.4.1 ANDORINHA¹¹: Uma Andorinha faz mudança

Conversando no final da tarde com os personagens da rua pesquisada, no alpendre de Andorinha, nome dado a entrevistada de 73 anos, sobre a vida, ela relata que teve muitos filhos, 21, ela pediu ajuda a um dos filhos que estava participando da conversa, para somar a quantidade de filhos que havia parido. Filhos vivos são 11, 06 mulheres e 05 homens. Essa família é descendente da comunidade do Condado, vivia da agricultura, plantavam em terras de outras pessoas e a divisão era em terço, ou seja, a maior parte da produção ficava para o dono da terra. Eles vieram para o assentamento a partir da ocupação das terras... **“Foi quando ocorreu notícia”**. Na época veio em companhia do esposo, já falecido.

Ao ser questionado se gosta de morar no assentamento, respondeu que sim, mas não sai muito de casa. **“Relata que tem água em abundância, tem terras”**, repete várias vezes que tem plantas e água, e também o solo fértil. Quando falamos sobre algum desentendimento desagradável que poderia ter acontecido com ela e sua família, há uma pausa na fala; ela responde que **“nada aconteceu,”** ainda sobre do que sente falta, rapidamente responde: **“dos conhecidos de lá”** (da comunidade Condado, onde morava). Relata sobre suas habilidades de curandeira, que reza para cura da dor de dente e quebranto, e se animou ao falar sobre seus conhecimentos de partos e que já fez um na comunidade.

¹¹ Andorinha, mulher negra, matriarca de uma família de 21 filhos, viúva, rezadeira. Reside no assentamento desde a ocupação das suas Terras.

A fala de Andorinha sempre foi analisada por ela, e confirmada com o filho que estava presente no momento da conversa, o mesmo sempre se questionava o porquê das perguntas. Estes momentos de conversa no alpendre requer entender a grande experiência de vida que Andorinha tem, que estratégias de vida ela buscou para viver no assentamento sem participar da vida social local.

Seus saberes comuns fundamentam sua defesa na sobrevivência do que de fato ela considera precisar da terra, da água e da reza, é necessário entender que o assentamento ao longo de sua consolidação constitui formas diferentes de pensar e também de se desenvolver pela sobrevivência diária do seu povo, mas saberes populares ainda tem muita influência nesse lugar.

Mesmo que em alguns momentos tenham representado o mesmo objetivo ao participar da ocupação das terras, as filosofias de vidas são diferenciadas. Andorinha mostra em sua fala o cuidado em não participar para não discordar, para não se expor, para ela uma andorinha só não faz verão. O modelo familiar de Andorinha reforçando suas crenças, conceitos por ela defendidos a forma de organização do seu núcleo familiar extenso, as histórias as quais defendem as cicatrizes da vida seu sentimento de pertença pelo seu povo em manter costumes e tradições antigas vivas os levou a constituir seu modelo próprio de isolamento familiar. Construindo no seu quintal da casa principal várias casas para seus filhos, somando assim famílias agrupadas e orientadas por ela o que nos leva a comparar essa forma de organização ao aquilombar-se.

A matriarca relata que se reúne a mesa de sua cozinha e junto com eles decidem como irão proceder para viverem melhor da maneira deles, nas suas casas, na sua rua, enfim, em seus próprios lugares. “Seu modelo organizacional está fundamentado no que ela acredita ser essencial para viver”. Se orgulha em dizer que seus filhos nem um se envolveu em criminalidade, que não saíram para morar em outras localidades, mas se entristeceu ao falar que com relação à educação, somente estudaram os filhos mais novos já na comunidade, pois naquela época as coisas eram mais difíceis.” Segundo Pratta e Santos (2007):

A família é uma instituição de grande importância para o desenvolvimento e amadurecimento dos indivíduos. Ela deve garantir a sobrevivência da espécie, proporcionar suporte afetivo e emocional, dispor de ambiente adequado à aprendizagem e transmitir os valores culturais da sociedade. As relações estabelecidas nesse ambiente são determinantes de comportamentos futuros de seus membros.

Podemos perceber que a família é uma entidade organizacional, e sua forma de organização garante seu modo de vida. Para isso é necessário ensinar-lhes como devem se comportar nos mais diversos ambientes para garantir a sobrevivência dos seus descendentes. Pratta e Santos (2007, p. 27) dizem que, autoridades estruturam a família, cabendo ao marido e esposa, aos pais e filhos, posições hierárquicas definidas e direitos e deveres específicos, porém desiguais. Por outro lado, a família é estruturada por relações afetivas criadas entre seus componentes, com conteúdo diversificado conforme o vínculo entre eles e de acordo com o gênero e a idade de cada um dos seus integrantes. Porém, a organização das relações estruturais é variável em famílias de diferentes segmentos sociais. Assim é possível perceber que as relações familiares são de fundamental importância na evolução do indivíduo e no seu comportamento para a vida social, como também a forma organizacional do seu ciclo familiar irá refletir em sua vida, pois cada década de suas vidas será uma fase diferente.

Figura 2. Modelo de família de Andorinha/casas construídas sem padrão do INCRA.



Foto autorizada para o trabalho de pesquisa. Abril/2019.

Fica claro que a família é o primeiro contato que o ser humano tem com sua própria espécie, e é através dela que vai se construindo o indivíduo, seu convívio social e a construção de sua identidade que está culturalmente ligada às suas relações familiares e afetividades.

3.4.2 BEIJA-FLOR¹²: O voo do beija-flor

Mãe de oito filhos, cinco homens e três mulheres. Agricultora que cultiva em seu quintal e no lote de sua terra feijão, batata e mandioca, mulher destemida das dificuldades do campo, como ela diz: *gosto da minha casa e do meu trabalho*, mostrando a produção de jerimum em seu quintal e rapidamente mostra o feijão guardado em garrafas PETI, um modelo de silagem para guardar grãos para o consumo do ano. *“eu criei meus fios trabalhando, nunca deixei de trabalhar, aqui é bom, é meu (pausa, pranto e tudo, é meu e tudo que pranto nasce”*. Quando falamos sobre gostar da comunidade, da terra, ela responde mais gesticulando com a cabeça que sim.

Beija Flor aparentemente foca no que lhe interessa, atenciosa à nossa conversa, mas preocupada com as tarefas que ainda tinha que fazer. Repete que gosta de plantar e de rezar, *“não é todo mundo que sabe rezar, me ensinaram. Aparenta tristeza, pois não conseguiu passar essa cultura para uma de suas filhas. Relata que não pode negar reza a ninguém.”* Suas rezas são para dor de dente, para quebranto e ferimentos inflamados. Sempre falando em voz baixa e cabeça cabisbaixa, quando relata que *“aqui é melhor de viver que na cidade”* (antes morava em Caraúbas). Levanta a cabeça e fala em tom de firmeza. Quando continuamos falando sobre violência no assentamento, fala com tristeza que sim *“aquilo que aconteceu né?”*

Beija Flor é de pouca conversa, mas de uma força para o trabalho admirável, não faz referência a seu esposo, (irmão de João José da Silva que deu nome à rua que moram) demonstra individualidade no trabalho e organização para suprir a alimentação de toda família. Sua forma de trabalho está marcada em suas mãos, com marcas expostas de longos períodos, de força para o trabalho braçal. Mulher de uma

¹² Beija-flor, mulher negra, de 62 anos, matriarca de uma família de 8 filhos, viúva recentemente, rezadeira. Reside no assentamento desde a ocupação das suas Terras.

beleza marcada pelas marcas do sol em sua pele pelos cabelos brancos que definem a expressiva beleza natural de uma mulher trabalhadora do campo.

3.4.3 SABIÁ¹³: O canto do sabiá

Na conversa com o casal Sabiá são cantores, casal morador da comunidade, conhecidos por muitos pelo seu lado negativo devido o envolvimento com bebida alcoólicas, trouxe para dentro da pesquisa o lado cultural que poucos conhecem, Sabiá 1 mulher forte de memória aguçada, gosta de cantar músicas antigas estilo cantorias, repentes, emboladas o famoso coco, gosta de batom vermelho também. Sabiá 2 é o tocador de instrumento, toca violão, pandeiro e se arrisca na sanfona como diz ele, pandeiro – Ao iniciar a entrevista perguntei se gostavam do lugar que moravam anteriormente a nova vida e a motivação em participar da ocupação dessas terras. Sabiá1 relata com ranço suas estórias relembra que trabalhou muito em terras alheias e que a produção na agricultura era dividida de forma desigual entre a família que produzia e o dono da terra.

Dando continuidade a conversa sobre o lugar que morava antes, e se gostam do assentamento os dois ficam em silêncio, com sorriso tímido responde primeiro ele: *“morava perto da família, mas que a terra não era nossa”*. Ao serem perguntados como ficaram sabendo da ocupação, ambos falou que foi através de Ronaldo Valencia que conseguiram conquistar a terra.

Sabiá 1 diz que com a vinda para o assentamento as coisas ficaram um pouco melhor, fala com alegria sobre seu pedaço de terra e da água em abundancia, relatou acontecimentos que na sua fala se caracterizava como se sentisse certa exclusão social, pouco relembra dos acontecimentos positivos que ocorreram no assentamento. Afirma que a partir daí ainda que seja convidada para realização de atividades coletivas no assentamento, ela diz que não participa. Ao buscar essa memória participativa para introduzir a conversa com o casal na receptividade de sua casa, relata com tristeza as coisas que ali aconteceram com eles: *“me inscrevi no bolsa renda/bolsa família e passei 10 anos sem receber.”* (Sobre este relato de Sabiá 1, procurei representantes antigos para relatar este acontecimento e relataram que no

¹³ Sabiá, é um casal de grande conhecimento cultural, reside na comunidade desde a ocupação das suas Terras. Mulher negra, 62 anos. Homem negro, 65 anos. Gostam de tocar violão, pandeiro e de cantorias.

sistema do programa informavam erro, mas que nunca procuraram uma solução eficaz, relata que na época estava precisando muito, e diz que procurou ajuda de alguém mais instruído para solucionar esse problema, solucionado muitas vezes por terceiros.). Sabiá relata que:

“...depois mudou o povo da prefeitura e recebi, aqui a gente sofre, depois passei a receber e passei pouco tempo e me aposentei. Nada dá certo pra nós. O corte de terra? faz a inscrição do corte de terra depois chega a mensagem do presidente da associação pelo celular, que não vai dá mais certo, perde de plantar no tempo certo, porque vai primeiro para as outras ruas. Para quem aluga o trator...”.

3.5 Rua dos negros: Segregação social e educacional

A pesquisa de campo sobre a exclusão social tem como foco principal as observações sobre a relação entre moradores/as de uma rua localizada no P.A Nova Vida, Upanema/RN chamada Rua dos Negros (Rua João Jose Da Silva) e moradores/as das demais ruas da comunidade do P.A Nova Vida. A pesquisa foi realizada com homens e mulheres na faixa etária de 22 a 83 anos de idade.

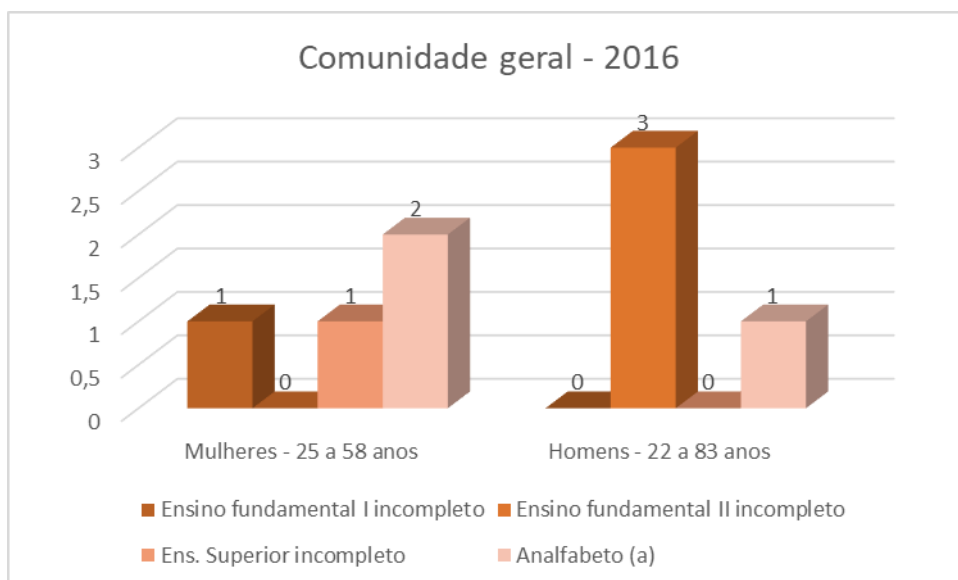
Para este grupo que reside na Rua dos Negros existe exclusão social por parte dos/as moradores/as das outras ruas? Essas pessoas se isolam por defesa ou resistência criando uma espécie de afastamento mútuo dos demais moradores/as? Assim, a partir de tais questionamentos, a presente pesquisa analisa esse fenômeno e as consequências na vida desses sujeitos.

O questionário foi aplicado no mês de abril do ano 2016 e ampliado no ano de 2019 com participação de oito pessoas distribuídas nas demais ruas e cinco pessoas da Rua dos Negros e lideranças locais. Nosso objetivo era entrevistar uma pessoa por família que totalizaria dez pessoas de acordo com o número de casas daquela rua, mas não foi possível, pois algumas pessoas se negaram a responder o questionário por vergonha, timidez, entre outras questões não reveladas pelas mesmas.

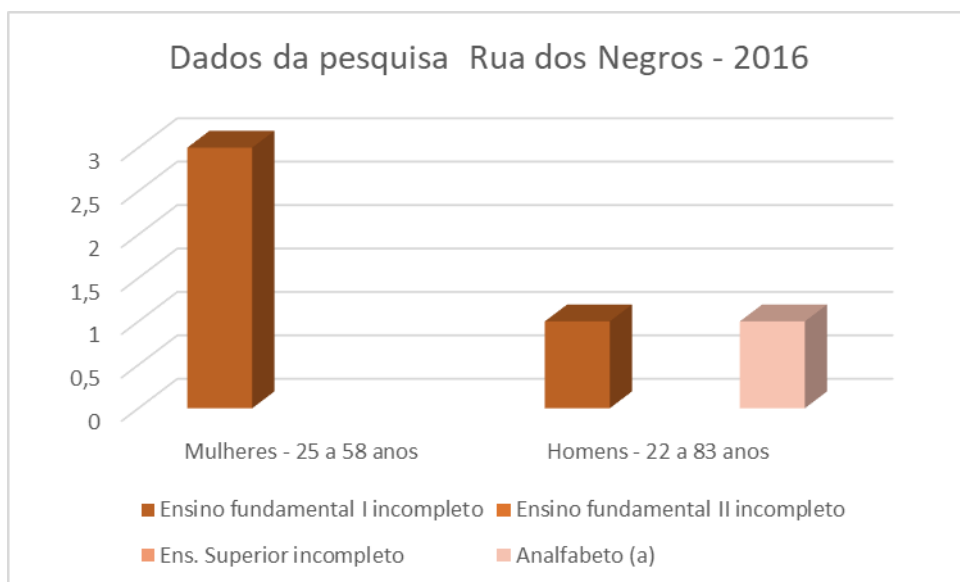
3.6 Dados de moradores/as da Rua dos Negros

A pesquisa foi desenvolvida com cinco pessoas da Rua dos Negros sendo quatro mulheres na faixa etária de trinta a cinquenta e três anos de idade, grau de escolaridade ensino fundamental I, e um homem com setenta e cinco anos e analfabeto, ambos relataram que tinham vontade de estudar, mas as condições financeiras não eram suficientes e havia falta de transporte na época, ou porque tinha que ajudar na própria renda familiar. Já outros relataram o desinteresse em aprender. Duas mulheres falaram que se tivessem oportunidade na própria localidade voltariam a estudar.

Gráfico 1



Os/as entrevistados/as tem convivência com pessoas das demais ruas como amizades, namoro e casamentos, todos afirmaram que mantem o ciclo de amizade no âmbito social.

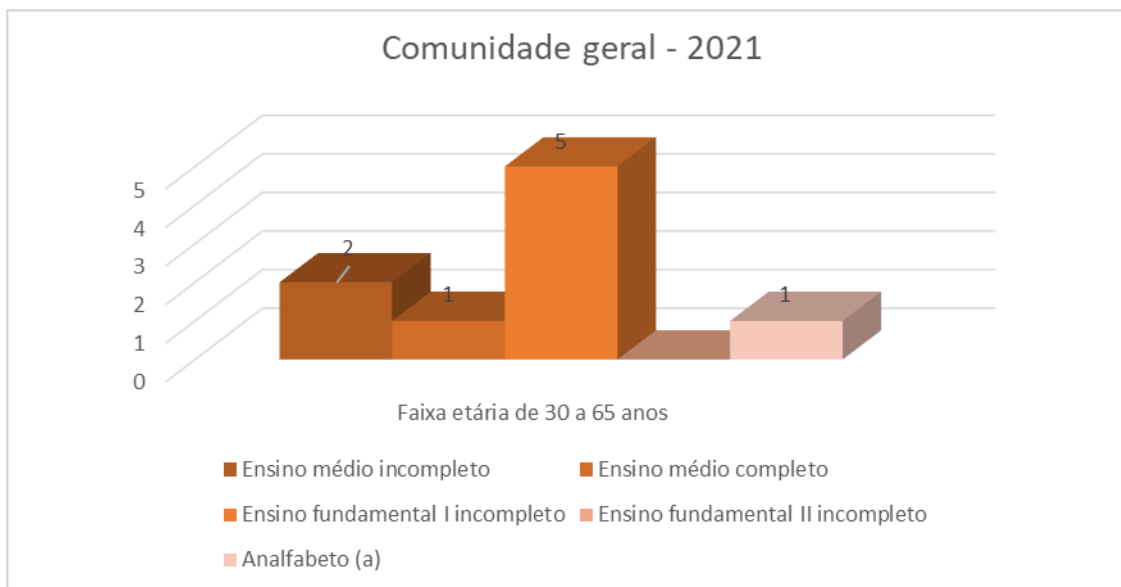
Gráfico 2

Dados de moradores/as demais ruas da comunidade Nova Vida 2021

Foram entrevistadas oito pessoas que residem nas demais ruas da comunidade, sendo quatro mulheres na faixa etária de 25 a 58 anos de idade. Declararam-se com nível de escolaridade entre ensino fundamental I e ensino superior incompleto. Dos quatro homens entrevistados a idade está entre 22 e 83 anos de idade; destes, três homens declara que tem ensino fundamental II incompleto e somente um com ensino fundamental I incompleto. Os/as mesmos/as tem convivência com pessoas da Rua dos Negros, e somente uma mulher afirmou não ter relação nenhuma. O convívio resume-se aos encontros casuais em ambientes como comércios, igrejas, bares e reuniões da associação dos produtores rurais onde todos os colonos sócios participam.

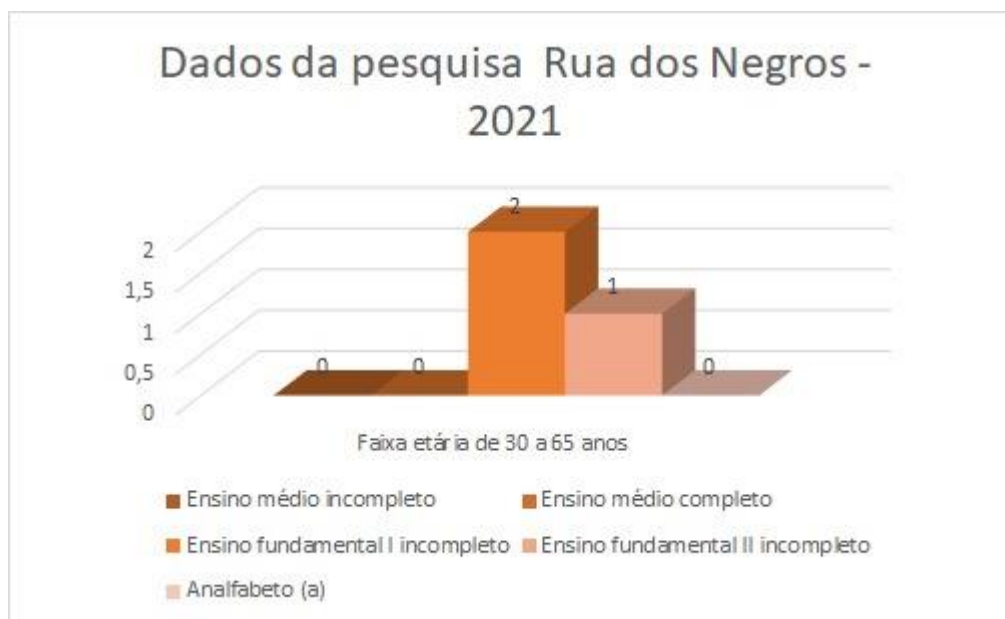
Dados do questionário aplicado em março 2021, nove pessoas da comunidade geral preencheram o questionário.

Gráfico 3



Das pessoas que responderam o questionário, apenas uma não é alfabetizada, três pessoas chegaram ao ensino médio, mas somente uma concluiu o ensino médio. Cinco pessoas estudaram até o fundamental I, entre a 2ª e a 6ª série, 3 pessoas informaram que o motivo de parar de estudar foi o casamento, duas pessoas pararam de estudar por falta de transporte, e outras duas pararam de estudar porque ajudavam a família, 1 pessoa parou de estudar por causa da distância, o trajeto até a escola era muito longo, 1 pessoa parou de estudar por opção. A faixa etária de abandono a escola apresentado nessa pesquisa é entre 10 anos a 41 anos de idade. E sobre a pergunta se voltariam a estudar se tivesse oportunidade, das 9 pessoas que se dispuseram a responder o questionário, todas informaram que não voltariam a estudar, e o motivo citado foi que não tem mais paciência para estudar. As respostas acima apresentadas referem-se ao questionário das pessoas da comunidade em geral.

Gráfico 4



As respostas do gráfico são referentes às pessoas residentes na rua dos negros. Na referida rua foi aplicado cinco questionários, mas somente três pessoas responderam o questionário, sendo duas mulheres e um homem, todos alfabetizados, uma mulher estudou até a 6ª série parou de estudar por não ter acesso a transporte escolar, tem 52 anos e parou de estudar aos 21 anos, relata que não voltaria a estudar. Uma mulher tem 62 anos, estudou até a 3ª série parou de estudar após o casamento, não informou com que idade parou de estudar, e disse que não voltaria a estudar.

Um homem tem 62 anos de idade, estudou até 8ª série, parou de estudar porque casou e não informou com que idade parou de estudar e se voltaria a estudar.

Passaremos a analisar as relações familiares a partir da exclusão social e educacional, com base em entrevistas semiestruturada realizadas em Abril de 2021, para esse momento, foram entrevistadas três mulheres que estão no assentamento desde sua ocupação, e para entender melhor as negações de direitos identificada nas falas delas, precisamos compreender se esses indivíduos tiveram acesso à escola? Se seus filhos tiveram acesso à escola? E quais relações de poder permeiam entre a família, a sociedade e a escola.

Calopsita 1¹⁴ relata que estudou pouco, e que da sua casa na época de escola somente ela frequentava a escola, embora tivesse mais três irmãos, estudou até a 4ª série no sítio onde morava, lá havia uma escola que funcionava na casa da professora,

¹⁴ Grupo de mulheres entrevistadas para atender a demanda da pesquisa. A escolha se deu por estarem na mesma faixa etária.

diz que sua família precisou se mudar para outro sítio na cidade de Caraúbas/RN e que lá não estudou, pois não havia escola no local, somente na zona urbana e nessa época não havia transporte escolar. Lembra-se com alegria dos seus tempos de escola, e diz que era uma aluna interessada, conta que é do tempo da palmatória¹⁵ (objeto utilizado para disciplinar, castigar, manter a ordem em sala de aula), relatou que nunca precisou ser castigada pelo uso da palmatória e que nunca ficou de castigo na escola, mas outros meninos eram danados e ficavam de castigo, sua expressão era de risos ao relatar tal fato. Não relatou nem um fato desagradável ou que pudesse ter lhe causado sofrimento em seu período estudantil.

Ao ser perguntado sobre a vida escolar dos seus filhos, conta que tem seis e que alguns deles estudaram no Sítio Piracicaba, localidade próxima à comunidade de Nova Vida, onde havia uma escola, e por muitas vezes seus filhos faziam o trajeto até a escola a pé, contou que as mais interessadas a estudar sempre foram às meninas, mas que seus filhos não deram trabalho na escola. Falou com tristeza que um dos seus filhos nunca quis estudar, mas que sabe fazer seu nome para assinar documentos, e que ele é analfabeto nas palavras dela.

Disse ainda com alegria que não recebia reclamação deles, pois seu esposo sempre os orientava a se comportarem na escola, relata que as recomendações de comportamento eram antes de saírem de casa, quase que diariamente. Lembrou que seus filhos estudaram também na nossa comunidade Nova Vida quando passou a ser ofertados estudos para eles no local onde residem, e que pelo menos quatro dos seus filhos chegaram a estudar na zona urbana, na cidade de Upanema/RN. O trajeto escolar era feito em um transporte custeado pela prefeitura da cidade, e que seus filhos que estudavam, chegaram a concluir o ensino fundamental II que duas de suas filhas têm o ensino médio incompleto, pois foram arrumando marido e filhos parando assim de estudar.

Calopsita 2 diz que estudou no começo na cidade de Patu/RN pela cartilha do povo, e a cartilha vamos estudar. Foram dessas duas cartilhas, na época, e que teria uma professora para dar suporte nesse modelo de estudo. Aprendeu a ler nessas duas cartilhas. Em seguida a sua família mudou-se para a cidade de Mossoró/RN em

¹⁵ Foi introduzido pelos jesuítas, como forma de disciplinar os indígenas resistentes à aculturação. A prática foi perpetuada pela escravidão africana. Os senhores a utilizavam como um dos muitos castigos aplicados aos negros desobedientes. No século XIX, quando a educação dava seus primeiros passos em nosso país, a palmatória migrou para a escola."

1970 e foi estudar em uma escola no Alto São Manoel, lembrando com alegria que foi um tempo muito feliz esse em que pode estudar. Conta que tinha que cantar o hino nacional antes da aula começar e formar fila para entrar na sala de aula, não relatou nem um fato desagradável ou que remetesse a tristeza em seu período escolar na cidade. Estudou até 1973. Lembrou-se que em uma época da sua trajetória escolar uma professora pediu para que ela soletrasse o nome caneta e ela por birra, pois havia brigado com seu irmão e não quis soletrar, então por esse motivo foi castigada com a palmatoria, levando alguns bolos nas mãos, “bolos” é o nome atribuído às batidas da palmatoria nas mãos, que ficam abertas para receber o castigo, e sorriu porque disse que ficava retirando a mão para não receber o castigo e assim levou mais palmatorias. Não relatou nenhum fato triste ou desagradável que remetesse a sua cor negra em seu período escolar, e completou a fala dizendo que foi um tempo muito bom.

Sobre a vida escolar dos seus filhos, contou que tem dois, um casal no popular. Informa que somente um estudou na comunidade Nova Vida, e que sua filha mais velha reside em João Pessoa/PB, à mesma estudou lá, mas não sabe informar o grau de escolaridade dela, mas afirma que ela estudou. Relata que seu filho não deu trabalho na escola da comunidade e nem quando passou a estudar na zona urbana, Upanema/RN. Menciona uma boa relação entre seu filho e o motorista do transporte escolar da época. Lembrou-se com sorrisos no rosto as brincadeiras que seu filho contava que ocorria no trajeto escolar. Esse motorista já faleceu e era muito respeitado e querido na comunidade.

Falou ainda sobre um desentendimento do seu filho com um rapaz da comunidade, em tempos de escola. Foi um período difícil, pois sempre havia atritos deles dois, mas que isso ocorria no trajeto escolar ou na própria comunidade, não se estendia para a sala de aula. Com relação a isso não houve problemas, pois seu filho agora tinha interesse de estudar, ela completa dizendo que quando ele era menor e moravam na cidade de João Pessoa/PB o mesmo não queria ir para escola, por diversas vezes, precisava que ela fosse deixá-lo lá e que por muitas vezes o menino voltava para casa quando ela dava as costas, que isso o fez repetir de ano várias vezes, mas nunca soube o motivo desse comportamento, apenas acha que ele não queria estudar, era desinteressado, conclui.

Calopsita 3 disse que estudou na comunidade Nova Vida, em programas de jovens e adultos, e estudou até a 4ª série na escola da comunidade. Nessa época, ela

iria estudar para aprender mais, ou não esquecer o que já sabia. Menciona que já sabia ler e escrever e aprendeu quando morava em sua antiga comunidade. Lembra com satisfação da sua época de escola, de quando era adolescente. Aos risos contou das brigas escolares, mas que ela não se envolvia, não queria dar trabalho aos seus pais e continuar seus estudos. Falou que fazia de tudo para não levar palmatoria, conta que era muito difícil se manter na escola. Disse que trabalhava de manhã na roça e que chegava na hora de ir para a escola, e por diversas vezes teria ido para a escola sem almoçar, por não dar tempo de fazer essa refeição, pois o trajeto até a escola era feito a pé, mas que era uma distância consideravelmente pequena. Na escola não havia merenda, como hoje em dia, que tudo é mais fácil. Tem escola boa, transporte e que só não estuda quem não quer.

Ao falar sobre a vida escolar dos seus filhos, começa dizendo que hoje só não estuda quem não tem interesse, pois até incentivo para ir à escola tem. Falou que quatro dos seus filhos estudaram na comunidade Nova Vida e que chegaram a ir estudar na cidade de Upanema/RN, que não recebia reclamação de comportamento de nenhum deles, eles todos tem ensino fundamental completo. Alguns iniciaram o ensino médio, mas não foram a diante, por diversos motivos, menciona a falta de interesse, o cansaço, pois ajudavam a família na roça e o casamento.

Diante disso, Gadotti (2003) diz que há relação entre educação e poder acompanha o desenvolvimento de toda a história das ideias pedagógicas. O que existe de novo em cada época é que essa relação é vista de maneira diferente e suscita novas questões. A educação é um processo que se repete sempre da mesma forma. Existe uma leitura histórica diferente para cada época do que se entende e do que se quer da educação. Nessa relação, entre educação e poder trazendo para a abordagem pesquisada, faço o recorte dos momentos de formação desde a ocupação da terra, pois esses eram momentos proporcionados pelas lideranças dos movimentos sociais, onde ocorreu uma educação informal, que preparou os indivíduos para enfrentar as mais diversas situações de poder encontradas em seu caminho.

No assentamento ocorrem relações de poder sim, até mesmo dentro da família, pois todos os espaços formais ou não são instituições organizadas e tem alguém ou algum grupo com poder de decisão. Na escola, por exemplo, ocorrem relações de poder, sejam na organização interna, conselhos escolares, em seu corpo docente e a situação de poder sobre o aluno, sobre seus corpos e comportamentos. Como diz a autora, somente a uma leitura diferente para cada época, nesse passo, venho

apresentar duas histórias que se passaram no ambiente escolar na comunidade Nova Vida, com alunos residentes da rua dos negros.

3.7 Aves de Arribacã

Sou ave arribacã
Minha asa tem fogo
Quando me movo
Arranho céu da boca do povo.
(Trecho da música universo do canto falado)

As crianças e adolescentes da rua dos negros, sempre sofreram com a falta de empatia, fosse da comunidade ou em algumas situações na escola, as meninas ao se envolverem em conflitos escolares com outras meninas, que não eram moradoras da rua dos negros, sempre eram taxadas de desordeiras e de mais alguns termos pejorativos, e punidas quando acontecia algo na escola. Na época da pesquisa, foi relatada uma situação entre três meninas da rua dos negros que se envolveram em uma “briga” com uma menina de outra rua, sua mãe ocupa um cargo na referida escola, a menina em questão não sofreu nenhuma dvertência por parte da escola, ou represália por parte da família, enquanto as meninas da rua dos negros foram humilhadas e taxadas como se não tivessem razão. A menina que reside na rua dos negros foi chamada de “macaca”. Episódios como esses, durante a vida escolar levam os estudantes ao abandono da sala de aula por alguns dias e até mesmo a evasão escolar.

As meninas da rua dos negros sempre andam juntas, em “bando”, saem em defesa umas das outras, como se essa ação fosse suas armas de proteção, antes mesmo de serem atacadas e/ou apontadas, as mesma se protegem e deixam claro que em um conflito ou desentendimento com uma delas, atingem a todas. E não há brigas e desentendimentos entre elas. Como em um bordão popular: mexeu com uma, mexeu com todas. Esses laços se fortalecem ao longo dos anos e de suas trajetórias, pois essas meninas são em sua grande maioria pertence à mesma família.

Se a escola é lugar de formação humana, significa que ela não é apenas lugar de conhecimentos formais e de natureza intelectual. A escola é lugar de tratar das diversas dimensões do ser humano, de modo processual e combinado. Mas como a escola pode fazer isso? Como se forma um ser humano? (CALDART, 2000, p. 73)

Para que acontecimentos como esse em uma sala de aula no campo, ganhem a devida importância, relevância ou atenção, se faria necessário um educador do campo. Nele está o respaldo pedagógico, humanizado por conhecer a realidade a qual se pede e se faz necessária para desenvolver ações educativas que se possa refletir sobre o que aconteceu para que isso se transforme em aprendizado.

Continuando os relatos, outro fato marcante é o caso de três irmãos, que iremos tratar pelos seus apelidos: Pequenininho, Pit bull e o outro não possui apelido atende pelo seu nome próprio, vamos chamá-lo de Didi. Esses meninos sempre eram acusados de vandalizar a escola, caracterizados como desordeiros, veio à tona durante a pesquisa que um deles teria jogado uma cadeira na professora em sala de aula, o mesmo teria sofrido suspensão escolar como punição pelo seu ato, e seus irmãos não teriam ido para a escola durante aquele período, mas o único que foi suspenso foi o que praticou o ato da agressão, não se sabe porque os outros irmão não foram a escola naquele período. Vale ressaltar que o histórico familiar desses meninos é de uma família desestruturada, e que ainda sofriam com o preconceito por suas aparências, foi o que lhes causou o batismo dos seus apelidos.

Pequenininho, perdeu a mãe aos 8 meses de vida, ficou ao cuidado do pai e de suas irmãs mais velhas, até que seu pai trouxe a madrasta que já tinha dois filhos dele, e passaram a morar com eles, tendo uma relação, diga-se de passagem conturbada.

Pit bull, seu apelido remete-se a um animal, o cachorro da raça pit bull. O mesmo poderia ter ganhado esse apelido pelo jeito explosivo e agressivo se fosse o caso, mas não é. As pessoas atribuíram esse apelido a ele pela aparência de sua boca que se assemelha a do referido animal que foi citado.

Observe que em ambas as situações se passaram no ambiente escolar, que os grupos envolvidos foram às meninas e meninos da rua dos negros, em ambos os casos nos deparamos com uma situação de poder e discriminação cultural, pois tanto a menina da briga, envolvendo as meninas da rua dos negros, era parenta de algum funcionário da escola. Como a “agressão” do menino da rua dos negros foi com uma professora, não diminuindo o ato violento, mas nada foi feito para compreensão dos fatos.

A escola deveria acolher mais, como agente transformador da realidade e da diversidade. O papel da escola na comunidade deveria ser principalmente trabalhar de acordo com a realidade do aluno e não fechar os olhos para as diversas situações

ocorridas na vida destes e dos diversos traumas que trazem consigo, Mas a realidade da maioria das escola do campo é que tanto o corpo administrativo da escola como a maioria dos professores vem da zona urbana, então não teriam interesse em procurar saber sobre a vida do aluno, se está passando por algum problema, devido a mudança de comportamento, notas baixas ou não comparecimento as aulas. Freire (1979) diz que “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. “Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esse momento, eu gostaria de apresentar as considerações finais, de uma forma lúdica, mas com efeito transformador. Nesta pesquisa, me vejo em uma brincadeira que costumava brincar na minha infância: a amarelinha. Uma brincadeira folclórica popular e de fácil acesso para todos, sem distinção, onde pode ser brincado na terra, no barro, na areia molhada de uma praia, em uma calçada de cimento no prédio mais alto e também no asfalto.

Devem estar se perguntando o porquê da utilização dessa brincadeira infantil para esse momento, respondo-lhes: Na minha adolescência brincávamos todos juntos de amarelinha, todos: as meninas da rua dos negros e da comunidade em geral.

Para dar início a essa brincadeira, é necessário que haja pessoas para brincar, os participantes dispostos a entrar na brincadeira, basta ter uma pedrinha ou caco de telha para iniciar o jogo. A primeira casa do jogo é a representação dos nossos pais,

que são os responsáveis por nos inserir na vida escolar. Essa pedrinha ou caco de telha será o indivíduo.

Todo jogo têm suas regras, é proibido pisar nas linhas, “riscos” da amarelinha, iniciado a brincadeira, é necessário jogar a pedrinha para avançar no jogo, se essa cair fora da casinha, o jogador perde, mas poderá iniciar novamente o jogo. Então cada casa da amarelinha possui um número de 1 a 9, pois o céu é equivalente ao número 10, o ápice do jogo, o vencedor.

Pensando que a nossa vida escolar e o ambiente ao qual estamos inseridos pode ser um grande jogo de amarelinha, vejo as etapas dessa brincadeira da seguinte forma: o número 1 família, o número 2 jogador, número 3 é a inserção na vida escolar, o número 4 é o ambiente escolar, as regras, sua hierarquia e o início da aprendizagem, o número 5 são os direitos garantidos: professores, transporte escolar e assistência escolar. O número 6 é o ensino fundamental, o 7 é o ensino médio, o número 8 é a universidade, o acesso ao ensino superior, o 9 são os questionamentos, o acesso a uma leitura de mundo diferente da nossa percepção simples e leiga. O número 10 é o tão sonhado céu, o céu é intenso, é cheio de possibilidades, é uma expansão para o conhecimento.

Ao movimentar essa amarelinha da vida, me permiti olhar para trás e ver o caminho percorrido. Nessa brincadeira, joguei a pedra fora do jogo por algumas vezes, e como consequência perdi alguns anos escolares, mas voltei a estudar depois de algum tempo, e nesse mesmo jogo eu fui a cada etapa dele encontrando pessoas que me estenderam a mão ou não, e que contribuíram para minha formação. Chegar ao céu nesse jogo, que de forma lúdica, está representando essa caminhada, me despertou um mundo que eu não conhecia o do conhecimento, e me conectou ainda mais com minha comunidade.

Aprofundei relações, tentando compreender as relações que construímos ao longo dos anos. Questionei coisas que antes passava despercebida ao meu olhar, como a questão da exclusão racial. Existe exclusão específica baseadas em critérios de cor; entre pessoas do mesmo assentamento? É possível afirmar que há uma separação cultural e histórica dentro do assentamento pautado nos referenciais étnico-raciais desde a ocupação das terras, esse grupo dos negros por estarem organizados em menor número de pessoas e não possuir um representante entre eles para fazer frente às tomadas de decisões fez com que os grupos dominantes obtivessem vantagens desde a ocupação até a fundação do assentamento.

Questionei a falta de empatia por parte da comunidade com as pessoas da rua dos negros, e porque essas ações refletiam em suas vidas enquanto membro daquele grupo já que muitos deixaram de participar das atividades da associação comunitária.

Passei a observar com mais atenção o acesso aos bens comuns da comunidade, como também a vida escolar da comunidade. Uma vez que me permiti o acesso a uma educação libertadora. Imaginei que com o passar dos anos, e diante do cenário atual na comunidade, os educadores do campo pudessem ingressar como professores da comunidade, uma vez que temos mão de obra qualificada para desempenhar esse papel de professores. Ao invés de deslocar os alunos para outra comunidade e para zona urbana.

Lembro-me do percurso escolar até a zona urbana, era em carro chamado pau de arara, onde fui deslocada por um período, mas a partir do programa caminhos da escola, que foi criado no ano de 2007, no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a nossa comunidade foi contemplada com um ônibus escolar, aonde o mesmo veio novo para a comunidade, onde ele era confortável e fazia o trajeto escolar a tarde e à noite. O transporte era para os alunos do ensino fundamental II e do ensino médio. Nesse período, passamos a ter mais segurança com o transporte adequado. Em 2015, as aulas do ensino fundamental II passaram a ser ofertada em um assentamento próximo a comunidade Nova vida. Por uma questão de logística da Prefeitura Municipal de Upanema/RN, esse trajeto até a escola era realizado à tarde, e os alunos do ensino médio continuaram a se deslocarem para a escola na zona urbana a noite, e continua até os dias atuais.

A escola, que fica localizada na comunidade Nova Vida é municipal, e tem seu funcionamento no período matutino, onde oferta o ensino básico (da 1ª a 5ª série). Gostaria de frisar que a referida escola é uma escola modelo, onde foi construída pelo Governo Federal, e funciona aos cuidados do município, possuindo amplo potencial de funcionamento em sua infraestrutura, e mesmo assim, os alunos precisam se deslocar para outro assentamento para ter acesso às aulas, o que causa, por muitas vezes, a evasão escolar. Ao falar sobre o potencial da escola, me reporto ao potencial de pessoas com formação nas áreas adequadas que existe dentro da comunidade, e poderiam ocupar o corpo docente da escola. A maioria desses profissionais são os filhos dos assentados, onde conta com pedagogos, formado no curso Pedagogia da Terra, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), e graças às políticas públicas de enfrentamento ao acesso educacional, atendendo as mudanças

educacionais do país. Hoje temos acesso à universidade e a uma educação de nível superior.

Na comunidade tem várias pessoas cursando a Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, entre outros cursos, que após a luta por transporte, engajada pelos alunos da LEDOC, foi possível garantir seu acesso e permanência na universidade. A partir disso, outras pessoas passaram a realizar ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e buscar acesso ao nível superior, pois teria transporte para realizar esse trajeto. De acordo com Caldart (2000, p. 64):

Nesta trajetória de tentar construir uma escola diferente, o que era (e continua sendo) um direito, passou a ser também um dever. Se queremos novas relações de produção no campo, se queremos um país mais justo e com mais dignidade para todos, então também precisamos nos preocupar em transformar instituições históricas como a escola em lugares que ajudem a formar os sujeitos destas transformações. Foi assim que se começou a dizer no MST que se a Reforma Agrária é uma luta de todos, a luta pela educação de todos também é uma luta do MST.

Retomando o meu sentimento educacional para os moradores da Rua dos Negros, assim identificados, representados em muitos momentos pelo encontro de minha trajetória escolar, observei em várias falas que hoje o acesso à escola é bem mais fácil e que também há incentivo para que seus filhos frequentem a escola, então com o coração cheio de alegria faço aqui a tentativa de pular novamente a amarelinha, agora por mim riscada no chão do assentamento, compreendendo que para cada rua poderá ter um significado diferente, mas que o fator educacional é a mola propulsora da inclusão através do conhecimento, da trajetória escolar direcionada para os povos do campo deixo aqui em registro a história dos sujeitos dessa pesquisa aqueles que residem naquela rua não muito visitada, as pessoas não muito participativas, mas que possuem entendimentos e sentimentos iguais aos dos outros colonos da comunidade. As leituras ao longo dessa pesquisa contribuíram com uma ampla compreensão das diferentes trajetórias, dos sujeitos do campo. Trouxe-me aprendizados que possibilitou entender o nosso próprio assentamento, lugar singular onde podemos ser como os pássaros: pouso leve, visão ampliada e voo livre, embora livres, também são atraídos por gaiolas.

Não foi possível responder todas as indagações que a pesquisa apresentou, busco retomar em outro contexto de estudo. Querendo estar no meu lugar pulando amarelinha do entendimento, da inclusão junto com todos os moradores, pensando

em um ensino mais justo e igualitário para todos na certeza que a educação é, a mola propulsora para uma vida digna e que um fator transformador na vida das pessoas.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, Luanne Jacielle da Silva; CRISÓSTOMO, Adinei Almeida. Discriminação racial: **Uma herança que perdura há século**. In. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Ano 18 – Nº 181 – Junho de 2013.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial** (2010). *Centro de Documentação e Informação*. Edições Câmara, Brasília. 2010.

_____. Secretária da Educação. **Palmatória**. Curitiba, s/a. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=365&evento=10>>. Acesso em 20 de Março de 2021.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: **Notas para uma análise de Percurso**. *Trab. educ. saúde* [online]. 2009, vol.7, n.1, pp.35-64. ISSN 1981-7746.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CHICO, RAPadura Xique. **Universo do canto falado**. Ceará: Deck, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5c7J6faeE5NUAkkfqYgH5f?si=eLRNtjm4Q0ipOVMnNszMlg&utm_source=copy-link>. Acesso em 20 de Março de 2021.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: **Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 140.

FARIAS, Ana Paula Campo, et al. Experiências de Exclusão Social em Áreas de Assentamento: **Estudo sobre a Comunidade Nova Vida (Upanema-RN)**. Disponível

em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/7373-Texto%20do%20artigo-37264-1-10-20171031.pdf>. Acesso em: 23 de Março de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GEERTZ, Glifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989 pág. 93-94 Cap.5.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação e Mudança**. 12. ed. Campinas: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992b.

_____. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez/IPF, 1995.

_____. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Geraaufms/uma-abordagem-conceitual-das-noes-de-raca-racismo>>. Acesso em: 12 de Fevereiro de 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

PRATTA, Elisângela Maria M.; SANTOS, Manoel Antônio. **Família e Adolescência: A Influência do Contexto Familiar no Desenvolvimento Psicológico de seus Membros**. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007.

ROCHA, Emerson. **Cor e dor moral**. In: SOUZA, Jesse. (org.). **RALÉ BRASILEIRA QUEM É E COMO VIVE** Belo Horizonte Editora UFMG 2009:pag 353-368

ROMANELLI, G. (1997). Famílias de classes populares: **Socialização e identidade masculina**. Cadernos de Pesquisa NEP, 1-2, 25-34.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. v. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 194;9.

SANTOS, B. de S.; CHAUI, M. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

APÊNDICE

Capela de São Pedro



Igreja Assembleia de Deus



Quadra de esporte



Escola



Posto de Saúde



Prédio Comunitário



Caixa D'água da Comunidade



Rua João José, a Rua dos Negros



QUESTIONÁRIO 1 – 2016

1. NOME COMPLETO:

2. IDADE:

3. RAÇA:

4. GENERO:

5. QUAL SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?

6. COMO ESTA COMPOSTA SUA FAMILIA?

FILHOS/AS ()

ESPOSA ()

ESPOSO ()

OUTROS:

7. QUANTAS PESSOAS MORRAM COM VOCÊ?

8. COM QUE IDADE VOCÊ TEVE SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

9. COM QUAL IDADE TEVE SEU PRIMEIRO FILHO/A?

10. ESSE FOI SEU PRIMEIRO CASAMENTO?

SIM () NÃO ()

QUANTAS VEZES CASOU?

11. O QUE VOCE ENTENDE POR PRECONCEITO?

12. JÁ PASSOU POR ALGUMA SITUAÇÃO?

13. ONDE SOFREU?

14. NA SUA FAMILIA TEM ALGUM PARENTE NEGRO?

SIM () NÃO ()

15. QUAL GRAU DE PARENTESCO?

16. VOCÊ TEM OU TEVE ALGUMA RELAÇÃO DE AMIZADE OU NAMORO/CASAMENTO COM ALGUÉM DAS OUTRAS RUAS DA COMUNIDADE?

17. VOCÊ FUMA?

SIM () NÃO ()

18. VOCÊ INGERE ALGUM TIPO DE BEBIDA ALCOOLICA?

SIM () NÃO ()

19. ISSO JÁ LHE OCASSIONOU ALGUM PROBLEMA DE SAÚDE?

20. NA SUA FAMÍLIA EXISTE ALGUÉM COM PROBLEMA DE SAÚDE?

SIM () NÃO ()

QUAL?

21. VOCÊ JÁ SE ENVOLVEU COM ALGUM CONFLITO OU SITUAÇÃO DIFÍCIL POR CAUSA DA BEBIDA?

SIM () NÃO ()

QUAIS?

22. VOCÊ PRATICIPA DE ALGUM MOVIMENTO SOCIAL? QUAL?

23. NA SUA FAMÍLIA TEM ALGUM PARENTE NEGRO?

SIM ()

NÃO ()

24. QUAL GRAU DE PARENTESCO?

25. VOCÊ TEM PARENTES EM OUTRAS RUAS DA COMUNIDADE?

QUESTIONÁRIO 2 – 2021

Olá, sou Ana Paula, sou estudante do curso de Educação do campo da UFERSA/Mossoró, estou concluindo minha licenciatura e gostaria de pedir sua colaboração para responder esse questionário, é bem simples é sobre escolarização.

As respostas podem ser enviadas aqui pelo WhatsApp mesmo e pode ser enviado somente o número com a resposta. Exemplo: Resposta 1 Sim ou Não

Respostas 2: 3 se for ensino médio colocar 2E.

Resposta 3: pode ser mais de uma opção e enviar o número correspondente.

Resposta 4: 32 e 13

Desde já agradeço!

Questionário sobre Escolarização:

1- É alfabetizado?

(A) SIM (B) NÃO

2- Estudou até que série?

3- Qual o fator determinante para não continuar a estudar?

1. Distância da escola?

2. Falta de acesso a transporte escolar?

3. Não tinha acesso à escola?

4. Casou e parou de estudar?

5. Ajudava a família trabalhando?

6. Voltaria a estudar se tivesse oportunidade?

4- Informe sua idade atual, e com que idade parou de estudar?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável a aluna de graduação Ana Paula Campos de Farias, do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, que pode ser contatada pelo e-mail anacampos19885@hotmail.com e pelo telefone (84) 9-88789483. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão do curso. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.